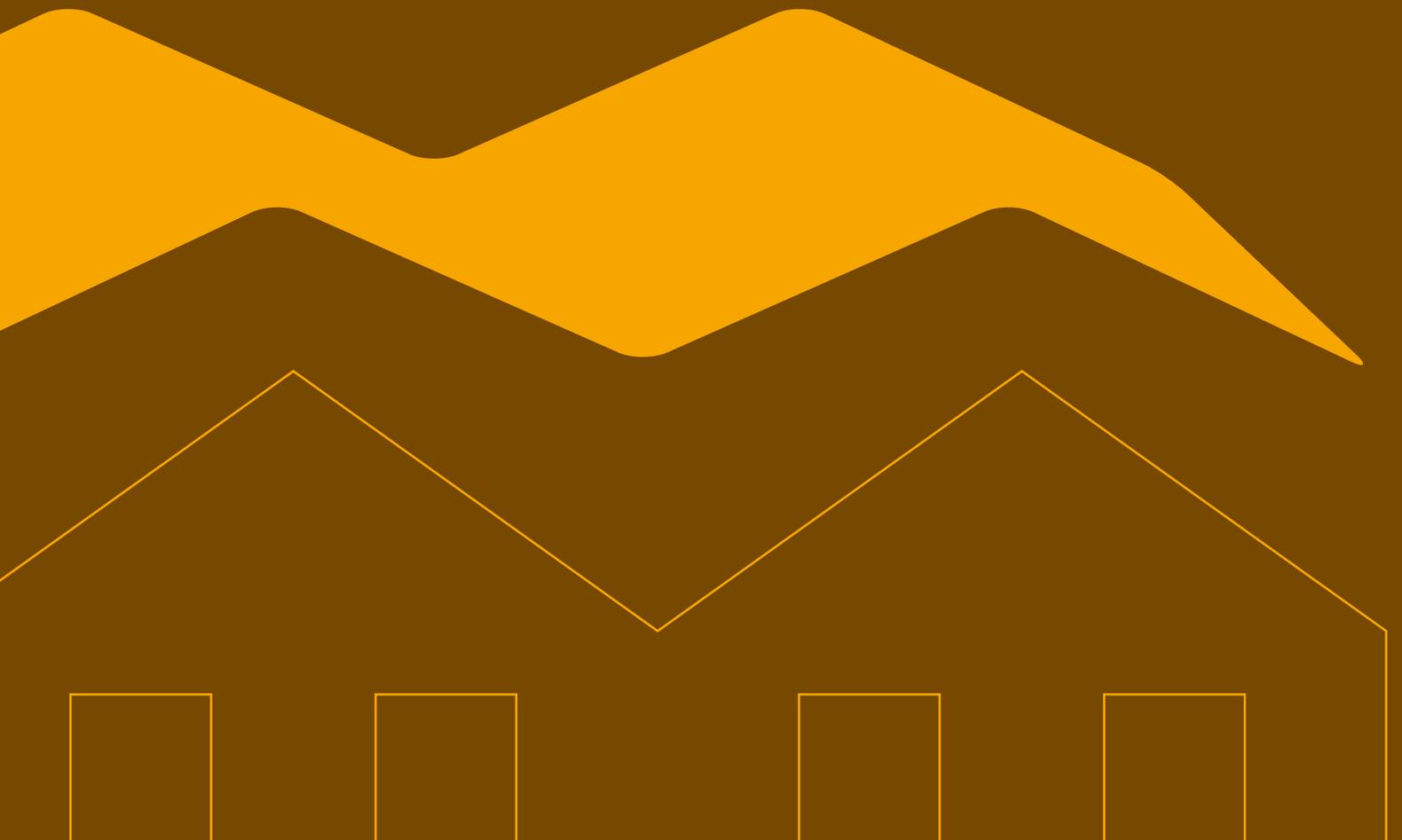


a casa de Portinari

Angela Fabbri



a casa de Portinari

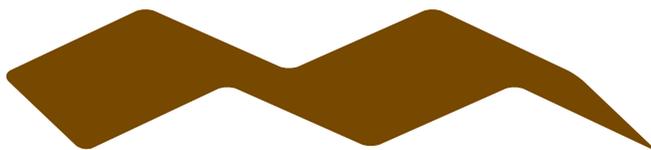
Angelica Fabbri



a casa de Portinari

Angelica Fabbri

Uma publicação
institucional do



museu
casa de
portinari

Vista externa da
entrada do Museu

Vista externa da
fachada do Museu





208



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Fabbri, Angelica

A Casa de Portinari / Angelica Fabbri. --
Brodowski, SP : ACAM Portinari, 2021.

ISBN 978-65-990557-6-8

1. Arte religiosa 2. Arte sacra 3. Capela da
Nonna - Museu Casa de Portinari - História
4. Museologia 5. Museu Casa de Portinari - Brodowski
(SP) - História 6. Pinturas 7. Portinari, Candido,
1903-1962 - Catálogos I. Título.

21-90088

CDD-069.981

Índices para catálogo sistemático:

1. Museu Casa de Portinari : História 069.981

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964





BAGHENS

**“[...] Entrava em meu povoado
Atravessava-o para chegar
Em casa. Sempre
A alegria da volta compensava [...]”¹**

Candido Portinari



Sumário

Apresentação	13
À guisa de uma introdução	17
Prólogo	23
Museu Casa de Portinari do primeiro tijolo assentado à última pincelada de Portinari, uma casa para permanecer no tempo	27
A Casa de Portinari de patrimônio a museu, um destino traçado	31
Nasce o Museu Casa de Portinari	61
Um olhar para dentro da casa de Portinari	71
Candido Portinari por ele mesmo	121
Candido Portinari Cronologia Sucinta	123
Referências complementares	137

Apresentação

Secretaria de Cultura e Economia
Criativa do Estado de São Paulo

UNIDADE DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO
MUSEOLÓGICO - UPPM

Letícia Nascimento Santiago

A que se destina um museu? Apenas a preservar o acervo e comunicá-lo? Sim, mas muito mais do que isso. O acervo de um museu não permanece silente. Há sempre quem revolva informações e jogue novas luzes sobre objetos, trazendo novas narrativas que dialoguem com contextos presentes e projeções de futuro.

A pesquisa apresentada nesta publicação é resultado de diversas miradas lançadas, ao longo de anos, pela equipe da Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari (ACAM Portinari) e reforça o que a Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico - UPPM aspira para todos os museus paulistas, seja aqueles que estão sob a vinculação direta da Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa de São Paulo (SEC-SP), seja aqueles que, mesmo sob outras gestões, usufruem das ações do Sistema Estadual de Museus de São Paulo (SISEM-SP): que a conexão entre os museus, as comunidades e o tempo presente seja reforçada.

Como dito por Aloísio Magalhães: “Pode-se mesmo dizer que a previsão ou antevisão da trajetória de uma cultura é diretamente proporcional à

amplitude e profundidade de recuo no tempo, do conhecimento e da consciência do passado histórico”. E completava seu raciocínio com uma imagem elucidativa: uma pedra vai mais longe quanto mais para trás se puxa a borracha do bodoque.

A pesquisa em museu faz o papel da borracha do bodoque. E quanto mais se investiga, mais se sabe, e assim podem ser feitos exercícios de projeção de futuros.

Que esta seja apenas a primeira de uma série de publicações resultantes de pesquisas realizadas no Museu Casa de Portinari que completou 50 anos, em 2020.





À guisa de uma introdução

“[...] Sai das águas do mar e nasci do cafezal de terra roxa [...]”²

As palavras de Candido Portinari testemunham que essa é uma história que começa bem antes da existência da casa dos Portinari. Lá se vão muitos anos!

Era a época da vinda dos imigrantes italianos que, vencida a travessia árdua e dramática do oceano, eram levados pelas estradas de ferro para trabalharem nas lavouras de café, mesmo tendo outros ofícios.

É a história de muitos empreendedores que não se subjugaram às condições difíceis, quando deixaram a terra natal para aprender a amar o chão que os acolheu, apesar de todos os desafios enfrentados, em tempos alternados de alegrias e tragédias.

Museu Casa de Portinari: narrativas de uma vida, de um pintor, de um tempo, de um lugar, palco de memórias que se entrecruzam, pessoais e coletivas.

É a história do pintor Candido Portinari, filho de jovens e resilientes imigrantes italianos da região do Vêneto, e de Brodowski (no interior do estado de São Paulo), sua terra natal, que virou pintura e poesia pelas suas mãos, pelas suas memórias afetivas daquele tempo, daquele lugar, onde descobriu sua vocação e sonhou ser artista.

2

PORTINARI, Candido. **Poemas**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

Para isso, era preciso fazer o caminho inverso de seus pais. Era preciso deixar Brodowski, num trem rumo à cidade grande, levando pouca bagagem, mas muita esperança e força de vontade.

E a estação ferroviária, onde um dia seus pais desembarcaram, também assistiria ao seu embarque rumo ao Rio de Janeiro. Estação do povoado, ponto de encontro de sonhos, do chegar e do partir, porto de memórias de cada um e de tantos quantos pisaram o seu chão.

Vontade de ser pintor! Nenhuma adversidade poderia ser maior ou vencer o propósito do rapazola decidido a ser pintor.

Como também nenhum outro lugar ou paisagem substituiria no coração do artista as paisagens e o chão da sua meninice, como tão bem expressou nas emocionadas palavras, em carta escrita quando estava em Paris, em 1929, em viagem de prêmio como vencedor do Salão Nacional de Belas Artes, obtido em 1928:

“[...] A paisagem onde a gente brincou a primeira vez e a gente com quem a gente conversou a primeira vez não sai mais da gente [...]”³

A casa-museu, um patrimônio a ser reverenciado, guarda algumas singularidades. O pintor, pelos fortes laços com a origem, com a família e com a terra natal, escolheu a casa de Brodowski, onde se descobriu artista e de onde partiu em busca da carreira, para estar sempre que possível, para voltar às origens e ali perpetuar, em suas paredes, a sua arte.

O ponto de partida era o ponto de chegada, em sucessivos retornos. Sua casa de Brodowski era o espaço dos afetos, mas também da criação, de muito trabalho. Uma casa-ateliê, onde Portinari realizou centenas de obras em suas longas e regulares estadas na terra natal.

Uma casa para acolher amigos e transbordar inspiração, para fazer arte.





E assim, de temporada em temporada, a casa foi se transformando numa galeria única e ímpar, que deveria ser cuidada e preservada, em benefício às gerações atuais e futuras.

A casa foi primeiramente protegida enquanto bem cultural pelos órgãos de preservação nas esferas federal e estadual, e em seguida transformada em museu, sua vocação e predestinação desde o primeiro tijolo assentado até a última pincelada de Candido Portinari.

Para a Associação Cultural de Apoio ao Museu Casa de Portinari - ACAM Portinari - Organização Social de Cultura parceira da Secretaria da Cultura e Economia Criativa do Estado de São Paulo na gestão do Museu Casa de Portinari, é uma honra e um privilégio fazer parte da trajetória deste museu, assim como ver assegurada sua história pela presente publicação, que, para além de um registro (que já seria de extrema importância), reverbera e amplia o acesso e a fruição desse bem cultural que, fincado em terras paulistas, extrapola fronteiras geográficas, assim como a arte atemporal que abriga, imorredoura e universal de Candido Portinari.

Nesse espírito, entendemos como necessário um tributo a todos que nos precederam e a expressão de nossa gratidão aos que vêm caminhando ao nosso lado, contribuindo direta ou indiretamente com essa fascinante e desafiadora missão de levar adiante o Museu Casa de Portinari, local de peregrinação para os amantes da arte, para um encontro com Candido Portinari, na sua intimidade e na sua grandeza, onde, ao mesmo tempo, homem e artista convivem inseparavelmente.

**“Hás de amar o sol e a lua, a poesia e as estrelas...
Irás a Brodowski, onde o céu é maior. Todas as
estrelas vestidas de festa, aparecerão para te ver...”⁴**

Angelica Fabbri
Brodowski - Outono/2021

Vista noturna da
entrada da sala
principal

4 PORTINARI, Candido. **Poemas: cento e vinte e seis.** [Anotações] Rio de Janeiro, 1961. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/8090/detalhes>. Acesso em: 31 maio 2021.

Prólogo

João Candido Portinari

Nunca cheguei a morar nesta casa que era a de meus avós paternos. Mas para meu pai, o Natal era sagrado, tinha que ser em Brodowski. Tornou-se um hábito passarmos todas as férias escolares ali. E naquela época eram quatro meses, três no verão e um no inverno! São tantas as lembranças... Casa cheia, sempre. A família toda ali, os tios e tias, avós e bisavós, o tio Beppe, irmão do *nonno*, amigos e compadres e comadres locais. Desde a criança recém-nascida da vez até a bisavó mais idosa, as gerações conviviam ali em ruidosa tertúlia. O *nonno* na cadeira de balanço, com seu cachimbo, camisa branca e calça com suspensórios. A *nonna* comandando a mesa, à noite tínhamos um bingo, todos sentados ao redor da mesa, cada um com o seu cartão diante de si. A *nonna* cantava: "... otanta cuatrol!", e os felizardos que tinham 84 no seu cartão pegavam um feijão do monte que tinham ao lado e colocavam sobre aquele número. Quando já maiorzinhos, nós as crianças íamos brincar no Largo defronte à casa. Lembro-me dos medos. Fabricávamos uma espécie de carrinho com 2 rodinhas, e sobre ele uma latinha de suco de tomate cheia de óleo de cozinha, onde flutuava um pavio aceso, à guisa de lamparina. E íamos assim armados para o cemitério que ficava quase ao lado – meu pai o fixou para sempre em inúmeras telas, como este "Futebol" aqui reproduzido – percorríamos as aleias escuras do Cemitério, pondo medo uns abaixo nos outros... Essa convivência diária de gerações tão díspares – creio que se perdeu com o passar do tempo

– nos dava um senso de união, uma segurança, como se tudo aquilo fosse permanecer para sempre...

Naquela época Brodowski era pequenina, tinha só três ruas: a rua do meio, onde ficava o comércio, etc., a rua de baixo, e a rua de cima. À volta da cidadezinha, um oceano verde: o cafezal! Espaço também de aventuras escondidas em suas trilhas. Lembro-me da boiada estourando. Estávamos brincando no Largo, alguns trepados em árvores, quando avistávamos uma nuvem de poeira vermelha se erguendo ao longe, na rua que passa em frente à nossa casa. Mal tínhamos tempo de correr, ou de subir nas árvores, para escapar das investidas furiosas daquele gado em disparada. Todos corriam a fechar porteiros, portas e janelas. Uma dessas vezes, subi numa árvore apressadamente, sem me dar conta de que o seu tronco estava coberto de espinhos – era uma paineira! – e, quando a boiada passou, desci com sangue escorrendo das mãos, dos braços e das pernas. Lembro-me também dos grandes temporais de Brodowski, quando o céu parecia desabar em cachoeira, e raios caíam por todos os lados. A gente gostava de ficar na chuva, ensopados até a medula, mas felizes com o espetáculo poderoso da natureza. Andar a cavalo em pelo por aqueles pastos e matas, apeando para catar gabiobas e degustar o mel daquele abacaxi incomparável, a que chamavam de pingo-de-mel. Por onde andarão aqueles abacaxis?

As velhas mangueiras onde ficávamos trepados por horas, chupando manga (tento lembrar-me dos nomes: bourbon, rosa, espada...). Mais tarde meu pai iria escrever em seu diário de infância: "... as velhas mangueiras da minha infância, eram as babás dos meninos pobres como eu...".



Candido Portinari
FUTEBOL, 1935
Pintura óleo sobre tela
97 x 130 cm



Museu Casa de Portinari

do primeiro tijolo assentado à última pincelada de Portinari, uma casa para permanecer no tempo

A casa que viu o talento de Candinho aflorar e o seu desejo de ser pintor florescer, que o viu se descobrir pintor e marcar no coração as cores de sua paleta. A casa que foi palco de tantas brincadeiras, sonhos, medos e alegrias do garoto franzino continuou sendo o chão do pintor até a sua morte. Janelas que deixavam entrar a luz que iluminava a vida do menino e, generosas, deixaram o sonho de ser pintor sair, encontrar o vento de Brodowski e espalhar-se até não caber mais ali, fechado naquelas paredes, naqueles arredores, naquelas paisagens. Paredes que preservam memórias e contam histórias.

Se na condição de casa, de lugar de morada, guarda tantas memórias de seus habitantes, uma em especial a torna diferente, única e inigualável: a de guardar e velar pela memória artística do grande pintor brasileiro, Candido Portinari.

A casa de Portinari, mais que um refúgio sagrado de viver e renovar forças e inspiração, que o espaço simbólico de pertencimento, é o lugar de seu ofício de pintar, um mesmo espaço onde homem e artista convivem

indissociavelmente. Uma casa-ateliê, onde o espírito do pintor irrequieto, em constante movimento e crescimento, em busca do domínio das técnicas da pintura, do afresco em especial, que desafiava o artista ao tempo em que o fazia pleno e feliz, como o menino que conhecia cada canto de sua morada, todos os segredos de suas paredes - e que mais tarde como pintor se apropriaria dessas mesmas paredes para nelas deixar uma marca indelével, a ampliação de sua obra e a sua perpetuação no tempo.

Do primeiro tijolo assentado com barro, pelas mãos do artesão e músico Batista Portinari, imigrante italiano que viveu a saga da busca e da promessa de uma nova vida no Brasil, às últimas pinceladas de Candido Portinari, pintor já consagrado pelo seu talento, cuja vida e trajetória artística são os fios que tecem e entrelaçam múltiplas memórias e significados, essa casa estava destinada a ser um bem precioso, representativo do patrimônio cultural do país e do povo brasileiro.

Um espaço de histórias de vidas, de uma vida, um recanto de intimidade que se abriu ao coletivo, dando a conhecer e revelando diferentes camadas, que presentes nos recônditos da memória de seu ilustre morador, na exteriorização, na passagem do privado para o público, desencadeia múltiplas reverberações, múltiplos diálogos e um sem-fim de novos significados e interpretações de relações pessoais e coletivas.

De casa a museu, uma migração do subjetivo para o objetivo, do individual para o coletivo, o Museu Casa de Portinari narra a vida do pintor Candido Portinari e sua vivência e relações com a terra natal, Brodowski.

De casa a museu, espaço que entrelaça três memórias significativas: a memória ferroviária, a memória da imigração, notadamente a italiana, e a memória cafeeira fortemente presentes em São Paulo. A história de Portinari, mas também a história da cidade, da maioria de seus moradores, dos paulistas e de muitos brasileiros.

Espaço que simboliza no coração e nas memórias do pintor a união da terra de suas origens e de seus antepassados com a terra em que se descobriu artista e fez de sua arte a sua vida, a sua morte.

De moradia de um menino sonhador a berço da arte eterna e atemporal do pintor que “se não fosse pintor, queria ser pintor”⁵, que compreendia a sua obra como uma força e um chamado às questões sociais tão urgentes naqueles tempos e nos dias atuais. Paredes que suportam pinturas e revelam o talento e o apuro de seu criador. Das reuniões em família, entre amigos, algumas, até secretas pelos temas políticos, às centenas e milhares de visitantes, lugar bom de estar. De casa a museu, poéticas e emoções, individuais e sociais. Saberes e fazeres, artes e ofícios reunidos na casa-museu. De casa a museu, uma missão a ser cumprida, a detentora e guardiã de um tesouro a ser cuidado e cultivado para atravessar o tempo e encontrar sucessivas gerações.



Sala
principal



A Casa de Portinari

de patrimônio a museu,
um destino traçado

“Nós te saudamos e somos honrados com a tua visita”

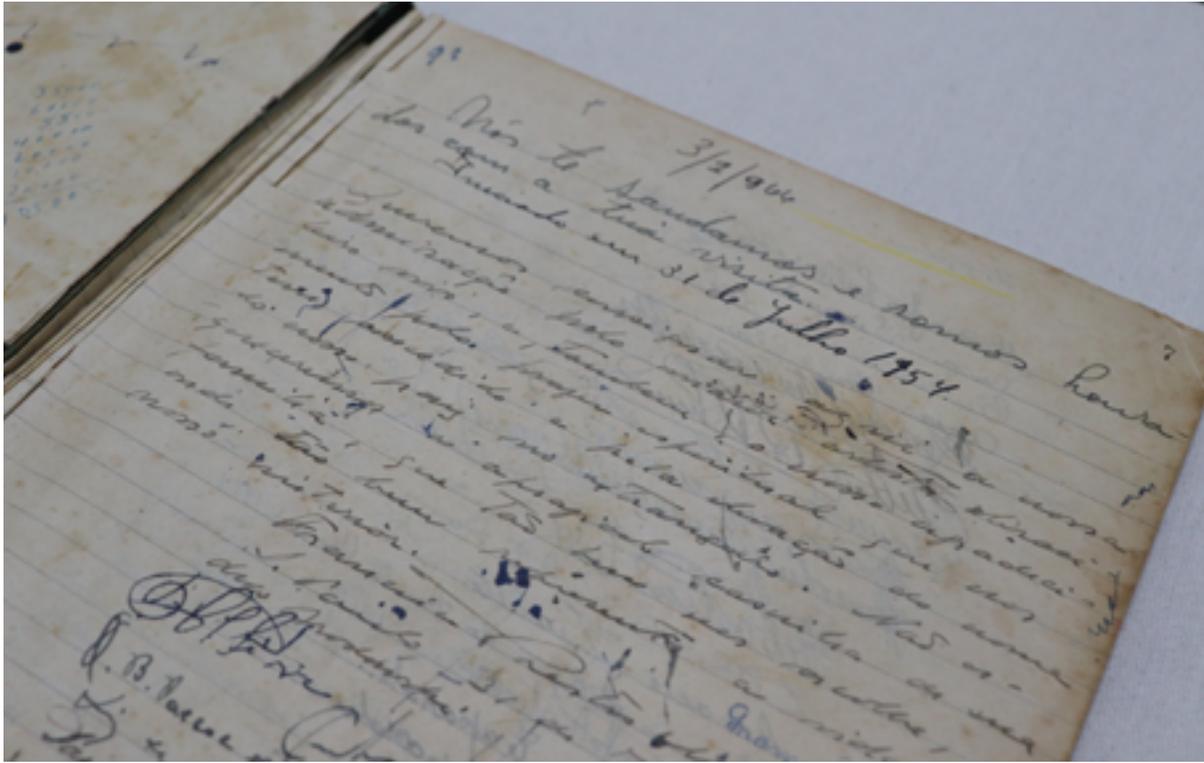
Iniciado em 31 de julho de 1954

A transcrição do termo de abertura daquele que pode ser considerado o primeiro livro de registro de visitantes da casa de Portinari já desenha a vocação e o destino da casa de Candido Portinari, em sua terra natal, Brodowski.

A história dessa casa sempre esteve traçada. E se Brodowski era o refúgio para o encontro com as raízes e a renovação de forças e busca de inspiração nas paisagens que ficariam para sempre na retina e no coração do pintor, a casa era o ambiente dos afetos. Mas não só, era também o espaço do artista, um local de criação, de experimentação e de muito trabalho - uma casa-ateliê.

A intimidade da moradia do pintor que o acolheria até quando fosse possível para ali se deslocar também marcaria a sua presença artística de forma indelével. Portinari escolheu a sua casa em Brodowski para se debruçar nas experiências com a pintura mural, e essa escolha mudaria para sempre o destino dessa casa.





Livro histórico: primeiro
registro de visitantes

Primeiro livro de registro
de visitantes (1954-1966)

Casa de imigrantes italianos que conquistaram o chão de terra “roxa” cafeeira, de “rossa”, vermelha, como diziam os italianos, que com o espírito empreendedor, força e coragem se dedicaram à nova terra, não só para aprender a viver ali e dali tirar o sustento, mas sobretudo também para aprender a amá-la e adotá-la como o seu chão para viver e morrer. Uma casa desde sempre cheia de histórias para contar e repleta de memórias para guardar e zelar.

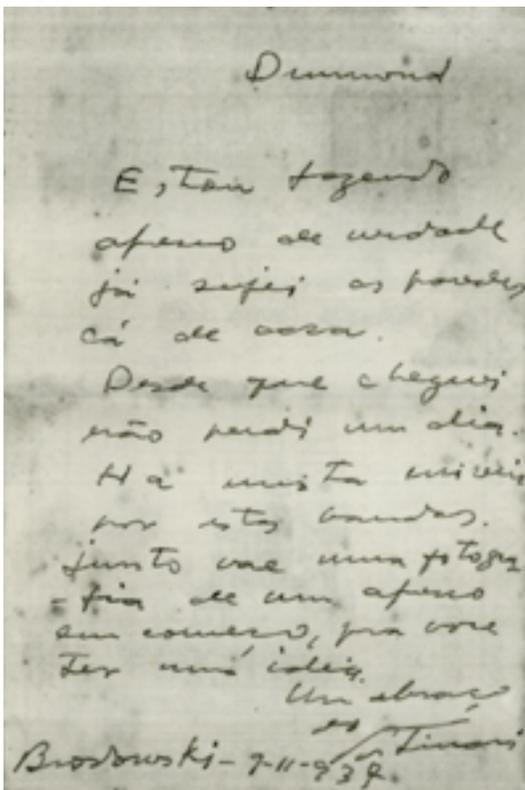
Muitas camadas sobrepostas e muitas poéticas entrelaçadas se fundiram para depois serem reveladas, uma a uma, pelas suas portas e janelas entreabertas, num convite ao seu interior, à sua intimidade. A casa que viu o talento do menino nascer e florescer até não caber mais ali foi sempre o espaço que acolheu o pintor consagrado em tantos sucessivos e ininterrompidos retornos, que o mantiveram conectado a esse lugar, a esse espaço, abrigando sua inspiração e seus processos de criação. Uma casa para viver e uma casa para trabalhar. Um espaço para sentir, um espaço para criar.

Já estava longe o tempo de tantas dificuldades pessoais e familiares. Candido Portinari, pintor renomado, premiado e estabilizado financeiramente, podia agora promover reformas e melhorias na casa de seus pais, que também seria sua casa e refúgio até a morte.

O pintor nunca se desligou de Brodowski, mesmo tendo adotado o Rio de Janeiro para desenvolver a sua carreira e feito tantas andanças mundo afora para levar sua arte e receber prêmios e homenagens, conquistando uma sólida projeção internacional.

Homem de muitos amigos, um artista de muitos talentos e uma obstinação pelo domínio das técnicas do seu ofício de pintor, foi assim que Portinari decidiu se dedicar e se ocupar da técnica da pintura mural; faria afrescos, como aqueles que tanto o impressionaram na sua estada na Itália, quando travou encontro com os grandes mestres e suas criações imortais. Escolheu, então, a sua casa para iniciar as experiências.

Desse modo a casa foi aos poucos, a cada afresco, a cada experiência com a têmpera, a cada nova temporada em Brodowski, a cada visita de um amigo pintor, transformando-se numa casa-ateliê, e as paredes, agora recobertas pelo trabalho do pintor, transmutaram-se em obras de arte, um conjunto singular na vasta obra do artista.



Reprodução de carta para
Carlos Drummond de Andrade (1937)

Todo esse processo de criação com as suas vivências e experiências foi sendo compartilhado por Candido Portinari com os seus amigos e registrado em trocas de correspondências que revelam etapas, processos, pesquisas com materiais, resultados, e acima de tudo a relação do pintor com os murais em sua casa.

Alguns trechos aqui transcritos e algumas cartas reproduzidas exemplificam isso, como a carta enviada por Portinari a Carlos Drummond de Andrade:

Drummond,

Estou fazendo afresco de verdade já sujei as paredes cá de casa.

Desde que cheguei não perdi um dia. Há vistas incríveis por estas bandas. Junto vae uma fotografia de um afresco em começo, pra você ter uma ideia.

Um abraço

Brodowski - 9-11-937 ⁶

As cartas, mais que notícias, com a peculiaridade de serem sempre acompanhadas por fotos (que se acredita terem sido feitas pelo amigo, jornalista e fotógrafo brodowskiano, Lauro J. Almeida), podem, nesse sentido, ser compreendidas como registros

6

PORTINARI, Candido. **[Correspondência]**. Destinatário: Carlos Drummond de Andrade. Brodowski, 9 nov. 1937. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/9377/detalhes>. Acesso em: 31 maio 2021.

de trabalho e confirmação dos processos criativos, equivalentes a um diário de trabalho, realizado em vários ciclos, como demonstra o conteúdo da carta escrita para Josias Leão, em fevereiro de 1937:

Leão

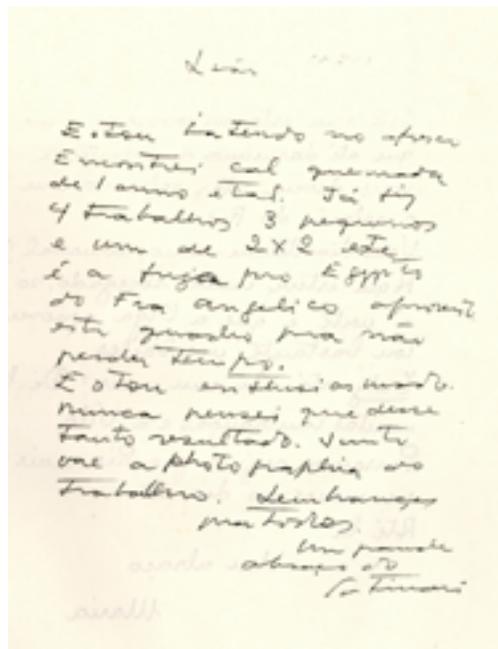
Estou batendo no afresco.

Encontrei cal queimada de 1 anno e tal. Já fiz 4 trabalhos 3 pequenos e um de 2X2 este é a fuga pro Egypto do Fra Angelico aproveitei este quadro pra não perder tempo.

Estou entusiasmado. Nunca pensei que desse tanto resultado. Junto vae a fotografia do trabalho. Lembranças pra todos.

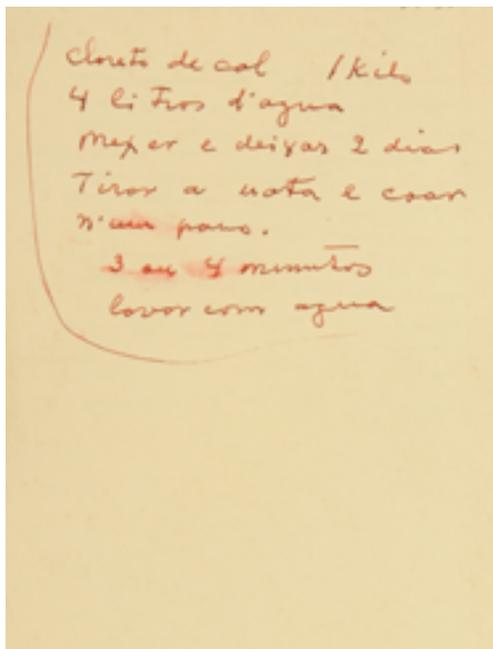
Um grande abraço do Portinari⁷

A carta suscita uma breve reflexão ligada à indiscutível e inevitável passagem de casa a museu, o endereço do pintor que preferia a sua cidadezinha às capitais, em suas próprias e reiteradas palavras. Revela-se o nítido e profundo envolvimento do pintor com a técnica do afresco, processo de pintura que figura entre os mais antigos da história da arte, que, complexo, requer muita habilidade para o preparo.



Reprodução de carta para Josias Leão (1937)

7 PORTINARI, Candido. **[Correspondência]**. Destinatário: Josias Leão; Ruth Leão. Brodowski, fev. 1937. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/8968/detalhes>. Acesso em: 31 maio 2021.



Registro do pintor para a preparação da argamassa

O desejo do pintor pelo domínio da técnica, bem como o seu entusiasmo com os resultados obtidos às voltas com afrescos e têmperas, a partir das experiências na casa de Brodowski, são elementos centrais na passagem da casa a museu, e los entre a casa e o museu, intrínsecos a ambos.

Um dos “segredos” da técnica do afresco (e aqui as aspas são propositais), na tentativa de abrir um diálogo com as impressões do artista nos seus processos de trabalho na casa, e que interessava muito ao pintor, era o trato com o reboco da superfície que receberia a pintura. O reboco, camada fina de argamassa que prepara a superfície da parede para receber a pintura, com a função de deixá-la plana e lisa, geralmente uma terceira e última camada, deveria ser muito bem preparado para a obtenção do efeito desejado. Neste caso, o reboco deveria ser feito à base de cal – elemento de extrema importância em uma construção ou obra, inclusive para uma superfície que irá receber uma pintura⁸.

No afresco, a preparação da parede é muito importante, devendo ser aplicada uma camada de reboco à base de cal, pois com a evaporação da água a cor adere. Portinari preparou em sua residência um local especialmente destinado à “queima de cal” que seria utilizada no reboco dos afrescos, e tinha até sua própria receita⁹.

8 Sabe-se do uso deste produto de forma abrangente desde a antiguidade. Obtido pela decomposição térmica de rochas calcárias, o óxido de cálcio (CaO) é conhecido popularmente pelo nome de cal. O produto da extração por decomposição térmica é a cal virgem; a adição de água produz a cal hidratada (processo chamado de “queima da cal”), que tem propriedades aglomerantes. No afresco, é muito importante a preparação da parede com a aplicação de uma camada de reboco à base de cal, o que facilita a aderência da cor, após a evaporação da água.

9 PORTINARI, Candido. **[Anotações]**. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/8090/detalhes>. Acesso em: 22 jun. 2021.

Esses seguem sendo temas de interesse e pesquisa que corroboram a importância da casa-museu e das relações e papel desse lugar na vida e na trajetória artística de Portinari.

Um olhar mais atento para as paredes pode trazer novas revelações, perguntas e inquietações, assim como cada canto da casa guarda um segredo a ser desvendado, mantendo vivos a presença artística e o espírito criador de Candido Portinari através dos tempos, por meio de diálogos intergeracionais e plurais.



Candido Portinari
FUGA PARA O EGITO, 1936
Afresco com retoques à têmpera
155 x 170 cm

Não seria esse o sentido da arte e a razão de ser do museu? Museus são movidos a perguntas, muito mais que por respostas, muito mais por inquietações que por certezas. Devem permanecer com portas e janelas abertas para o mundo e para o seu tempo, num entrelaçamento de tempos que tecem uma trama só possível de acontecer ali, onde os tempos convivem no mesmo espaço: o que já foi amparando o que está sendo e preparando o que virá, no cenário de uma sociedade em movimento e constante mudança.

Por isso a transição de casa a museu do pintor que permanece vivo na sua criação adquire sentido a cada nova geração.



Candido Portinari
CABEÇA DE MULATA II, 1935
Afresco
42 x 38 cm



Candido Portinari
CABEÇA DE MULATA I, 1935
Afresco
57 x 38 cm



Candido Portinari
PERFIL DA AVÓ, 1935
Afresco
20 x 18 cm

Em fevereiro de 1937, Portinari recebe carta do amigo Antonio Bento, tecendo comentários sobre os afrescos, como resposta às notícias que o pintor também lhe havia enviado:

“Rio, 18 de fevereiro de 1937.

Portinari amigo

Bravos pelo afresco. Pelo fragmento que você mandou, parece muito bom. Foi na igreja local?

Não esqueça de mandar um bom photo, afim de que eu publique aqui. E a vida ahi como vae?

O Rio está uma fornalha. Há quatro dias que faz um calor tremendíssimo: 34° e 35° à sombra!

Enquanto isso vocês estão gosando as brisas leves que sopram sobre a boa terra de Brodowski. ...

Abraços affectuosos do Antonio Bento”¹⁰

Também, merece menção especial o conjunto de cartas, trocadas entre Portinari e o amigo Mario de Andrade, que revelam como o crítico de arte acompanhou muito de perto as obras executadas pelo pintor, em sua casa de Brodowski:

“Caro Mario

V. bem que podia ter dado um pulo até aqui para ver os afrescos velhos e um novo que fiz São Francisco pregando aos pássaros. V. veria também uma série de novos quadros com motivos novos não descrevo porque não adianta – não sei- [...]”

¹⁰ BENTO, Antônio. **[Correspondência]**. Destinatário: Candido Portinari. Rio de Janeiro, 18 fev. 1937. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/2433/detalhes>. Acesso em: 31 maio 2021.

Como se pode constatar, no parágrafo seguinte da mesma carta, as temporadas de Portinari em Brodowski eram de muito trabalho e intensa produção:

“[...] Eu ia embora para ai lá pro dia 25, mas recebi de Detroit convite para fazer ali exposição – e como aqui para pintar estou mais a vontade resolvi ficar para completar um numero razoável de quadros. Em todo caso lá para o dia 10 ou 15 de março estarei ahi. Espero v. me escreva, pois estou bem isolado e preciso ter noticias dos amigos. Na Vogue deve sair o “Morro” em cores. Vogue de fevereiro. Todos aqui de casa estavam certos de que v. viria até aqui. Foi uma decepção.

O João Candido já está correndo.

Todos mandam lembranças para v.

Abraços com saudade do

Portinari

Brodowski, 20-II - 9340 (1940)”¹¹

Entremeadas às conversas sobre trabalho, também surgem os aspectos da vida íntima e da cena familiar, modos e costumes, confirmando os fortes laços afetivos com o lugar e o prazer de estar e viver ali, naquela casa e naquele lugar, como a notícia de que o filho João Candido aprendera a correr.

Com exceção de três retratos, todas as obras executadas pelo pintor em sua casa têm temática sacra, carregadas de forte religiosidade popular, homenageando a fé dos moradores da casa, notadamente as mulheres, mãe e avó do pintor.

11 PORTINARI, Candido. **[Correspondência]**. Destinatário: Mário de Andrade. Brodowski, 20 fev. 1940. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/1435/detalhes>. Acesso em: 31 maio 2021.



Já com um conjunto significativo de obras espalhadas pelas paredes de diferentes ambientes da casa, Portinari contratou pedreiros locais para mais uma reforma e adaptação no interior da residência. Ali instalaria uma pequena capela para sua avó paterna, Dona Pellegrina, a sua querida *nonna*, pintando para ela nesse espaço de oração os seus santos prediletos, para os quais ela mais rezava.

De um gesto de afeto e carinho, nasceria a Capela da Nonna, um espaço de fé, religiosidade e arte - a arte de Candido Portinari.

A essa altura, a casa, que já não era só uma casa, era uma verdadeira galeria de arte. Recebia significativa visitação pública, com o consentimento da família e do pintor. Estava se configurando um museu...

Entre os visitantes, estavam amigos do pintor, que vinham conferir de perto os trabalhos. Nessas ocasiões, os amigos também pintores eram

Candido Portinari
SÃO FRANCISCO PREGANDO
AOS PÁSSAROS, 1934
Afresco
137 x 227 cm

convidados a executar murais, ampliando e enriquecendo o espaço de experiências e trocas entre os amigos, criando um capítulo à parte para a história da arte brasileira e seus protagonistas.

Assim, a casa abriga obras de Paulo Rossi Osir, pintor, desenhista, arquiteto e industrial paulistano, que trabalhou com Candido Portinari entre as décadas de 1930 e 1940. Grande estudioso da arte, Osir passou por escolas da Itália, Inglaterra, França e do Brasil, tendo recebido diploma de construtor em Milão, mas se formando em Arquitetura na Real Academia de Bolonha, na Itália. Na década de 1940, o artista cria a empresa de azulejaria Osirarte, e a partir de então desenvolve trabalhos em parceria com Portinari, como os painéis da Igreja de São Francisco de Assis da Pampulha, em Belo Horizonte, e do Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro. Rossi, como era chamado por Portinari, deixou o afresco “Jesus pregando aos Apóstolos”, de 1940. Após a visita, em carta enviada a Portinari em Brodowski, Rossi escreveu:

“Caro Candinho,

Cheguei cansado e um tanto constipado; mas com o espírito cheio de coisas. O teu mundo de Brodowski – a tua arte – as nossas conversas... os afrescos – já penso só em cal, areia, cores etc.”

Candinho estou comovido e agradecidíssimo pelo carinho teu de todos teus parentes para comigo – talvez isso, talvez os grandes céus que não pude bastante gozar, talvez a minha atividade estimulada do seu exemplo, acho Brodowski um colosso”¹².

Os dois pintores mantiveram-se amigos até o falecimento de Osir, em 1959. Paulo Rossi Osir está entre os amigos retratados por Portinari.

12 OSIR, Paulo Rossi. **[Correspondência]**. Destinatário: Candido Portinari. São Paulo, 21 fev. 1940. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/21270/detalhes>. Acesso em: 31 maio 2021.



Também Joanita Blank, artista e amiga de Portinari, passou férias em Brodowski, na década de 1940, para aprender com o pintor algumas técnicas de pintura. Educada pelo poeta Manuel Bandeira, Joanita se aproximou do casal Portinari por meio de seu professor, que tinha forte ligação com Portinari. Em cartas enviadas a Maria Portinari, esposa do pintor, Joanita demonstra as saudades sentidas da cidadezinha. Sua mãe, Frédy Blank, destaca em uma de suas cartas ao casal Portinari o que a filha dissera sobre a experiência na casa do artista, em Brodowski:

Paulo Rossi Osir
JESUS PREGANDO AOS
APÓSTOLOS, 1940
Afresco com retoques à têmpera
88 x 71 cm



Joanita Blank
SÃO JOÃO BATISTA, sem data
Afresco
158 x 41 cm

“Há toda uma atmosfera dentro das paredes desta casa, que você se distrai o dia todo, indo até a janela para olhar para o outro lado da rua”¹³.

Joanita é autora do afresco “São João Batista”, localizado no ateliê de Portinari.

Ainda a casa guarda uma obra de José Moraes, amigo íntimo de Candido Portinari, pintor, escultor, gravador e ilustrador, que trabalhou como assistente de Portinari, na década de 1940. Assim como Portinari, Moraes também estudou na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, se formando, no entanto, bem depois de Portinari, em 1941. Os artistas se conheceram por meio de Quirino Campofiorito, na época professor da Escola Nacional de Belas Artes e amigo de Portinari.

Na sua estada em Brodowski, trabalhou na Capela Santo Antônio, no ateliê do artista, desenhou e deixou uma pintura mural na “Casa da Nonna”, o afresco “Cabeça”.

Também, há relatos que Moraes serviu como modelo para a tela de Santo Antônio, pintada por Portinari, em cumprimento a uma promessa familiar, para a igreja de mesmo nome, em 1942.

A casa-ateliê se notabilizaria cada vez mais por essas e tantas outras razões. A carta recebida de Rodrigo Melo Franco de Andrade¹⁴, bem demonstra o entendimento do valor artístico e cultural que a casa de Brodowski ia aos poucos assumindo:

13 BLANK, Frédy. [Correspondência]. Destinatário: Candido Portinari, Rio de Janeiro, 17 De Outubro De 194-. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/8550/detalhes>> Acesso em: 31 mai. 2021.

14 Diretor do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) a partir de 1937, por indicação de Mario de Andrade, responsável pelo projeto de criação do órgão, permanecendo no cargo durante trinta anos dedicados à preservação do patrimônio cultural brasileiro.



José Moraes
CABEÇA, 1942
Afresco
55 x 46 cm

“Rio, 16 de fevereiro 1937

Meu caro Portinari.

Recebi com muito atraso seu bilhete do dia 9 e não sei agora se esta carta ainda o encontrará em Brodowski.

Muito obrigado pela fotografia que v. teve a bondade de me mandar, com uma vista mais (apagada) de seu afresco. Fiquei profundamente interessado em ver seu trabalho com mais nitidez: não haverá um meio de photographá-lo em detalhes? A casa de seu Pae se fizera uma authentica preciosidade. Diga a ele que, se não zelar muito bem pela conservação das paredes, eu me sentirei obrigado a multa-lo pelo atentado contra o patrimônio artístico nacional.

O trecho do afresco que figura na fotografia que v. me enviou parece um episódio da fuga para o Egypto. Será mesmo? Haverá outras composições? [...]

abraço do

amigo affectuoso

Rodrigo”¹⁵

Àquela altura, a casa deixaria de ser apenas uma residência de família, morada do pintor Candido Portinari, e já tinha as suas portas abertas aos interessados na arte de Candinho, nos seus Santos, nas suas coisas.

Brodowski, mesmo sem saber, já figurava na cena cultural do país. Os seus

15 ANDRADE, Rodrigo Melo Franco de. **[Correspondência]**. Destinatário: Candido Portinari. Rio de Janeiro, 16 fev. 1937. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/8453/detalhes>. Acesso em: 31 maio 2021.

moradores estavam começando a se aperceber disso e não demoraria muito tempo para entender que Portinari mudaria a história desse lugar. Portinari consagrou a terra natal nacional e internacionalmente.

O surgimento bem como a história da cidade de Brodowski estão estreitamente ligados aos projetos de expansão da Cia. Mogiana de Estradas de Ferro, no final do século XIX, por sua vez ligados ao auge da cultura cafeeira que motivou a vinda dos imigrantes italianos para o interior do Estado de São Paulo, para trabalhar nas lavouras de café. Quando a Estação de Batatais foi inaugurada, os trilhos da Mogiana cortaram as terras da Fazenda Belo Monte, entre Visconde de Parnaíba e Batatais, o que motivou seu proprietário, Cel. Lúcio Eneas de Melo Fagundes, a propor à Cia. Mogiana, em 1892, a doação de área em suas terras para a construção de uma estação naquele local.

Os fazendeiros vizinhos ao Cel. Lúcio, juntamente a outros da região, entusiasmaram-se com o projeto e passaram a apoiá-lo junto à Cia. Mogiana.

O pedido dos fazendeiros obteve especial atenção do inspetor geral da Cia. Mogiana à época, o engenheiro polonês Dr. Alexander Brodowski, que se empenhou pessoal e totalmente para a sua realização. Uma vez concretizada a doação e devidamente documentada por escritura, tiveram início as obras de construção da estação, com um armazém e um pátio para manobras, sob a supervisão do engenheiro Dr. Brodowski. Em homenagem ao seu inspetor-geral, e pelo seu entusiasmo e envolvimento direto com o projeto, a Cia. Mogiana deu à estação o nome de “Engenheiro Brodowski”, mais tarde apenas “Brodowski”, inaugurada em 5 de setembro de 1894, marcando o surgimento da cidade.

Candido Portinari manteve o ritual de ir a Brodowski até o final da vida, promovendo muitas reformas e ampliações para seu conforto próprio, da família e dos amigos que tinha tanto prazer em receber na casa, em sua terra natal.

Amava tanto a cidade que, já artista famoso, premiado, reverenciado no país e prestigiado no cenário internacional, declinou a generosa oferta de ter o nome da cidade alterado de Brodowski para Portinari, comunicando tal decisão em carta ao amigo de infância, conforme transcrição a seguir:

Rio de Janeiro, 23 de abril de 1954

Meu caro Almeida,

Há tempos, quando estive aí, fui procurado por amigos anunciando-me o propósito de mudar o nome de Brodowski pelo meu. Claro que minha modéstia não podia permitir-me aquiecer de chofre. Porém, com argumentos alegados no momento, não foi possível recusar sem parecer pretencioso e com pouca vontade de colaborar. Porém, à distancia e o tempo ajudaram-me a refletir melhor no sentido de não aceitar tão alta homenagem.

Peço pois a você, meu velho amigo e colega de escola, que torne público essa minha resolução e agradeça profundamente por mim aos amigos que se interessarem no caso.

Com o abraço e o agradecimento do seu velho,

Portinari ¹⁶

Desde cedo formou-se um consenso sobre a necessidade de a casa ser preservada como patrimônio que se constituía, tanto pela história e memórias que abrigava, como pelas obras ali realizadas por Portinari.

Com a morte do pintor, em 1962, vítima da toxicidade das tintas que utilizava, pois escolheu privilegiar a sua arte em detrimento de sua saúde, teve início um movimento de muitas frentes, como a própria família, artistas, amigos, autoridades, políticos, entre tantos outros, pela preservação do imóvel e o conjunto de obras ali executadas por Portinari.

16

PORTINARI, Candido. **[Correspondência]**. Destinatário: Lauro João Almeida Pinto. Rio de Janeiro, 23 abr. 1954.



Artigo de jornal da época¹⁷

Entre as mais emblemáticas está uma iniciativa do Museu de Arte Brasileira - MAB, da Fundação Armando Álvares Penteado - FAAP, de São Paulo, que em fevereiro de 1963, quando se completava o primeiro aniversário da morte de Candido Portinari, propôs a realização de exposição em Brodowski de obras do artista, não só com o objetivo de homenagear o pintor, mas como um esforço para dar visibilidade às obras por ele realizadas em sua residência e chamar a atenção para a importância de preservar aquele conjunto de grande valor artístico e cultural, um tesouro “da arte plástica brasileira”, como expresso no convite da mostra¹⁷, contando também a exposição com a participação de obras de artistas amigos do pintor.

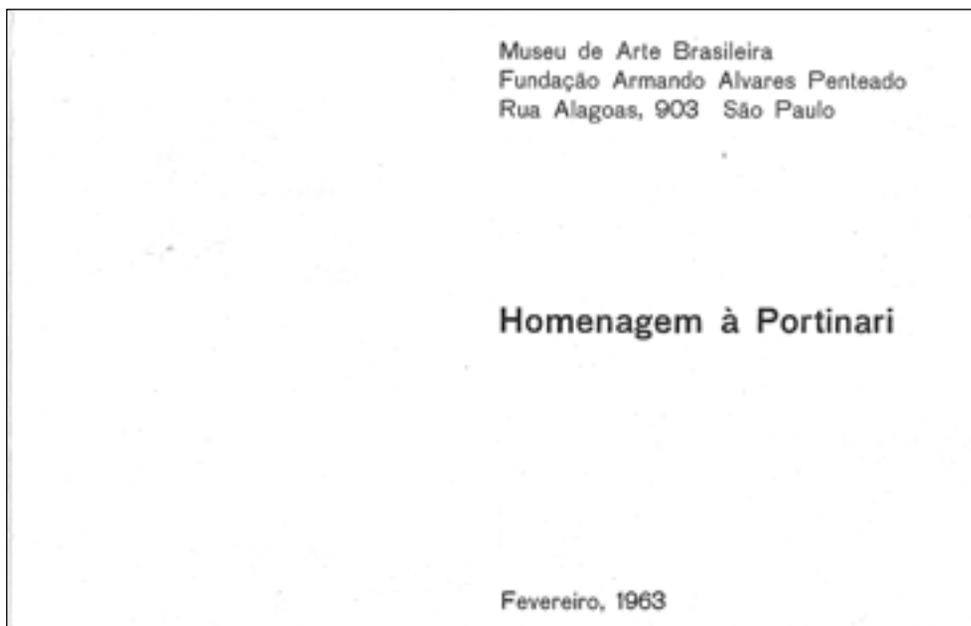
Paralelamente a esses esforços e iniciativas da sociedade, também no âmbito dos órgãos de preservação do patrimônio, instâncias governamentais e Casas Legislativas tramitavam processos que assegurariam a proteção do conjunto: residência e murais, pelo ato do tombamento, um ato administrativo do poder público, em diferentes esferas, com o objetivo de preservar, por meio da aplicação da lei, bens de valor cultural, garantindo a sua preservação e integridade, como forma de assegurar a preservação desse legado ímpar de Candido Portinari para o país e para o povo brasileiro.

Assim, do Projeto de Lei da Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo de declaração de utilidade

17 HOMENAGEM A PORTINARI, 1963. **Convite**. Brodowski: Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Álvares Penteado. Tema: Exposição de obras originais de Portinari e amigos artistas em homenagem ao primeiro aniversário de morte de Candido Portinari.

18 CASA DE PORTINARI SERÁ MUSEU POR 1 DIA. [Recorte] **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 1 fev. 1963 [Arquivo IPHAN].

Frente e verso do
convite da mostra
“Homenagem a
Portinari” (1963)



Candido Portinari nasceu a 29 de dezembro de 1903, filho de camponeses, emigrantes italianos. Aos 9 anos de idade, ajudou a decorar a igreja de sua cidade natal, Brodosqui. Em 1918 rumo para o Rio de Janeiro, a fim de cursar a Escola Nacional de Belas Artes. Em 1922 expõe pela primeira vez, no Salão Nacional. Em 1928 consagra-se como pintor na Capital da República e viaja para a Europa. Em 1930 regressa ao Brasil e daí em diante Portinari passa a produzir ininterruptamente, tornando-se um dos maiores pintores americanos. Em 1936 torna-se professor universitário e inicia os trabalhos do Ministério da Educação, que deverão prolongar-se até 1945. Em 1939 seus painéis consagram-no nos Estados Unidos, expõe no museu de Detroit e no Museu de Arte Moderna de Nova York. Em 1942 realiza os afrescos da Biblioteca do Congresso em Washington. Em 1944 realiza os azulejos para a Igreja de São Francisco, em Pampulha, Minas Gerais. Em 1946 expõe na Galeria Charpentier, em Paris, é exaltado pela crítica francesa e recebe a Legião de Honra. Em 1947 expõe em Buenos Aires e Montevideo. Em 1949 - depois de pintar o painel Tiradentes retorna à Europa (França e Itália) aí permanecendo um ano visitando museus e igrejas e pintando vários quadros e retratos. Retorna em 1950 e nos anos que se seguem realiza uma série de painéis, destacando-se, em 1954, o conjunto de murais "Guerra e Paz", para a sede da ONU, em Nova York. Em 1956 realiza uma viagem a Israel, fazendo uma série admirável de desenhos, mais tarde publicados em livro na Itália. Em 1957 expõe na Galeria Wildenstein, em Nova York, e na Bienal do México, onde é apresentado em sala especial. Em 1960 realiza uma exposição individual na Galeria Bonino, no Rio de Janeiro. Enquanto isto quadros seus são apresentados simultaneamente em inúmeras capitais, em exposições individuais ou coletivas: Paris, Madrid, Lisboa, Praga, Moscou, Oslo, Viena, Munique, etc....



Candido Portinari
29-12-1903 — 6-2-1962

Interior do
convite da mostra
“Homenagem a
Portinari” (1963)

Homenagem à Portinari

O Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado tem a honra de promover, a partir de 6 de Fevereiro de 1963, data do primeiro aniversário da morte de Candido Portinari, uma exposição, em Brodosqui, das principais obras daquele artista.

O motivo desta exposição é não só homenagear o laureado pintor como, principalmente, tornar mais conhecidos os painéis que executou em sua residência e na igreja daquela cidade, obras estas de grande valor artístico que, no entanto, não estão recebendo o cuidado que merecem e nem têm tido, junto ao grande público, a vulgarização de que fazem jus.

O Museu de Arte Brasileira da Fundação Armando Alvares Penteado, refletindo sobre tais deficiências, decidiu tomar a si o encargo de chamar a atenção do público para aqueles tesouros da arte plástica brasileira.

Um grupo de artistas mais chegados ao saudoso pintor, associando-se, assim, às homenagens que lhe serão tributadas, enviará também, a Brodosqui, seus mais representativos trabalhos, os quais serão expostos na Casa Paroquial da Igreja do Largo Candido Portinari.

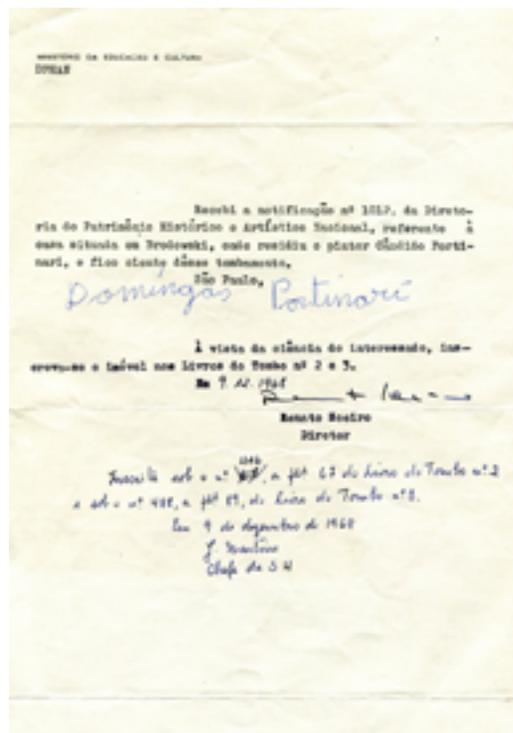
pública para fins de desapropriação, em 1962, se dá, em 1968, a instituição do tombamento em nível federal. A casa de Portinari torna-se Patrimônio Cultural do Brasil e do Povo Brasileiro.

De forma peculiar e consolidando a importância do conjunto a ser preservado, uma preciosidade do patrimônio cultural do país, foram efetuados dois registros distintos e simultâneos para a Casa de Portinari pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. - IPHAN: um, no Livro de Tombo das Belas Artes - Volume I, à folha 89, sob o número de inscrição 488, considerando a casa onde residiu o pintor, notadamente os murais e afrescos nela incorporados, na Praça Portinari; outro, no Livro de Tombo Histórico - Volume I, à folha 67, sob o número de inscrição 416, que considerou a casa onde residiu o pintor Candido Portinari, na cidade de Brodowski.

Ambas as inscrições são datadas de 9 de dezembro de 1968.

No ano seguinte, 1969, o imóvel foi adquirido pelo Governo do Estado de São Paulo e, em janeiro de 1970, foi tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo - CONDEPHAAT, com inscrição no Livro do Tombo Histórico, sob número de inscrição 7, página 2, em 27 de abril de 1971.

A partir de então, já estava se desenhando o surgimento do Museu Casa de Portinari.



Documentos de tombamento enviados a Dona Domingas¹⁹

19 SOEIRO, Renato. **[Correspondência]** Destinatário: Domingas Portinari. [Rio de Janeiro], 9 dez. 1968 [Arquivo IPHAN].

20 CASA DE PORTINARI PARA O PATRIMÔNIO. [Recorte] **O Estado de S. Paulo**. São Paulo, 5 jul. 1969 [Arquivo IPHAN].



Artigo de jornal de época²⁰



Placa de patrimônio anexada na fachada da casa



Sala principal



Fogão a lenha



Detalhe do telhado

Detalhe
da porta



Nasce o Museu Casa de Portinari

Era 14 de março de 1970, uma manhã ensolarada de sábado, quando Dona Domingas, mãe de Candido Portinari, temerosa que era de morrer e não ver a casa virar museu, acompanhada pelo então governador do estado de São Paulo, Dr. Roberto Costa de Abreu Sodré, pelo Sr. Mário Fabbri, à época prefeito de Brodowski, e o neto José Paulo Portinari, representando os familiares presentes à cerimônia histórica, desenlaça a fita que daria por inaugurado o Museu Casa de Portinari que teve suas atividades e seu funcionamento formalizados e regulamentados pela edição do Decreto de 8 de abril de 1970, dispondo sobre a inclusão da instituição na Rede de Museus do Estado, à época subordinada ao Serviço de Museus Históricos da então Secretaria de Cultura, Esportes e Turismo do Estado de São Paulo.

Etapa final de um longo processo que teve início formal logo após o falecimento do pintor, em 6 de fevereiro de 1962, sob o entendimento da importância de se assegurar a preservação da antiga residência do artista em sua terra natal, Brodowski, cujas paredes serviram de suporte para Portinari executar pinturas murais. Na qualidade de museu, deveria ser uma referência pública, com a responsabilidade de desempenhar o papel de guardião da memória e legado do pintor que deixou ali representada a sua presença artística, com a realização de importantes obras, inclusive outras também realizadas por amigos pintores, entendidas como elementos de fundamental importância para análise e compreensão de obras posteriormente realizadas por ele, notadamente nas técnicas de afresco e têmpera, como por



exemplo os painéis para a Organização das Nações Unidas - ONU, em Nova Iorque, ou ainda como os do atual Palácio Gustavo Capanema, localizado no Rio de Janeiro, à época prédio e sede do Ministério da Educação e Cultura, bem como os do Santuário São Bom Jesus da Cana Verde, na vizinha cidade de Batatais.

De lá até os dias atuais, a casa-museu permanece de portas abertas, num diálogo harmonioso entre temporalidades, gerações, histórias pessoais e coletivas, continuidades e rupturas, próprias de um lugar de memórias.

Levando em conta as perspectivas de patrimônio histórico e de patrimônio artístico, suas características e constituição, a missão do Museu Casa de Portinari se estende territorialmente no aspecto histórico e se universaliza no aspecto artístico, qual seja a missão de preservar, pesquisar e comunicar, para estudo e entretenimento, a casa onde viveu Candido Portinari, as pinturas murais e coleções, como objetos patrimoniais que são testemunhos da história local, regional e nacional, e partes da experimentação e produção artística de pintor internacionalmente notável por suas obras. Compõe a missão do museu, pelas características e vocação, elaborar conteúdos e recursos de informação sobre a vida e obra do pintor Portinari, articular-se com marcos da memória da cidade e ser um polo de fomento de expressão artística, no tocante à produção e fruição.

Roseiras em flor, aromas e perfumes permeando o ar, o chilrear dos pássaros, em seu festival de cores e cantos, vivificando a atmosfera e os sentidos de uma casa que nasceu para atravessar os tempos, marcando a paisagem urbana de uma cidade e engrandecendo a cena cultural de um país. Memórias e significados guardados pelo Museu Casa de Portinari.

Compreende-se o Museu Casa de Portinari, nas suas relações com a cidade e as pessoas que nela vivem e que a visitam, como espaço de mudanças e permanências, bem como um bem cultural em suas dimensões material e imaterial. Em conjunto ímpar, tendo a pintura mural como parte integrante da arquitetura, constroem edifício e obra de arte um mesmo corpo a ser curado e preservado. A casa-ateliê, espaço de moradia e de trabalho, de enriquecedoras novas experiências e buscas refletidas pelo grande artista que expressou como nenhum outro a alma brasileira.

**Inauguração do Museu
com a presença da mãe
do pintor, D. Domingas,
e autoridades**

Presentes azuis celestes, azuis profundos, azuis de Portinari em obras de força e beleza para apreciar e rezar: um museu-casa de artista com as suas peculiaridades e desafios, multiplicidade de significados e infinitudes de interpretações, já que uma casa não é apenas uma construção, um conjunto de móveis e utensílios, e as paredes não são apenas a junção de tijolos.

O Museu Casa de Portinari segue sendo a Casa de Portinari. Casa, personagem e coleções, espaço de relações numa realidade em processo de contínua transformação.

No museu, os móveis, os utensílios, os próprios cômodos, a edificação em si, ou seja, conteúdo e continente, são considerados, no seu conjunto, objetos museológicos, passando a ter o valor de testemunhos, de documentos.

Uma casa: múltiplos olhares, múltiplas interpretações. Além de bem artístico, histórico e arquitetônico, a casa é compreendida como um objeto museológico desse museu, ligada como tema e porto de memórias a várias obras do pintor. Assim, o Museu Casa de Portinari opera com três eixos principais: a casa, em sua estrutura, intervenções de Portinari, móveis e utensílios (coleções), indícios de um modo de vida e tema para obras; o pintor Candido Portinari, suas experiências técnicas e estéticas na casa, notas biográficas, indicações do conjunto de obras; o lugar, memórias de Brodowski na casa e na obra de Portinari, arte como vida compartilhada.

Ainda, ao longo de sua trajetória, o Museu Casa de Portinari vem pautando o seu trabalho em algumas premissas, entre as principais, as de que um bem cultural não pode ser jamais isolado de seus contextos territorial e comunitário, que os museus na atualidade para além de seu papel precípuo e essencial de locais de memória são espaços de relações numa realidade em processo de contínua transformação, devendo ainda estar explicitamente comprometidos e a serviço do desenvolvimento do indivíduo, da sociedade e do território onde estão instalados, trazendo em suas pautas os valores da democracia, direitos humanos, inclusão sociocultural e compromissos com o meio ambiente, já que Portinari foi acima de tudo um cidadão envolvido com as questões de seu tempo.

“[...] Não pretendo entender de política. Minhas convicções, que são profundas, cheguei a elas por força de minha infância pobre, de minha vida de trabalho e luta, e porque sou um artista. Tenho pena dos que sofrem, e gostaria de ajudar a remediar a injustiça social existente.

Qualquer artista consciente sente o mesmo [...]”²¹

Nesse sentido, o Museu Casa de Portinari compreende e propõe o seu trabalho para além de suas paredes, buscando conexões e diálogos, ampliando o seu papel de patrimônio, colocando-se a serviço do desenvolvimento local e das pessoas.

Para tanto, constrói-se uma gestão museológica que prima pela qualidade técnica e de seus processos de trabalho, mas que fale ao coração das pessoas, que faça sentido para elas, garanta o cumprimento das funções básicas do museu e seus desdobramentos na preservação, pesquisa e comunicação de suas coleções e temas correlatos, contando para tanto com as suas próprias equipes e a contratação de serviços e profissionais externos técnico-especializados.

As ações do Museu Casa de Portinari têm sido planejadas e executadas de forma transversal, por diferentes programas complementares e indissociáveis articulados entre si, objetivando garantir o cumprimento de sua missão institucional.

Dentre as principais ações merecem destaque as relativas à segurança, à conservação preventiva e à preservação das coleções e da edificação, representadas por cuidados que vão desde os protocolos diários às intervenções para restauro, considerando tratar-se de uma construção frágil em sua natureza e elementos construtivos.

21 PORTINARI, Candido. Quando Portinari falava de pintura. In: **Correio da Manhã**. 19 abr. 1960. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/3976/detalhes>. Acesso em: 31 maio 2021.

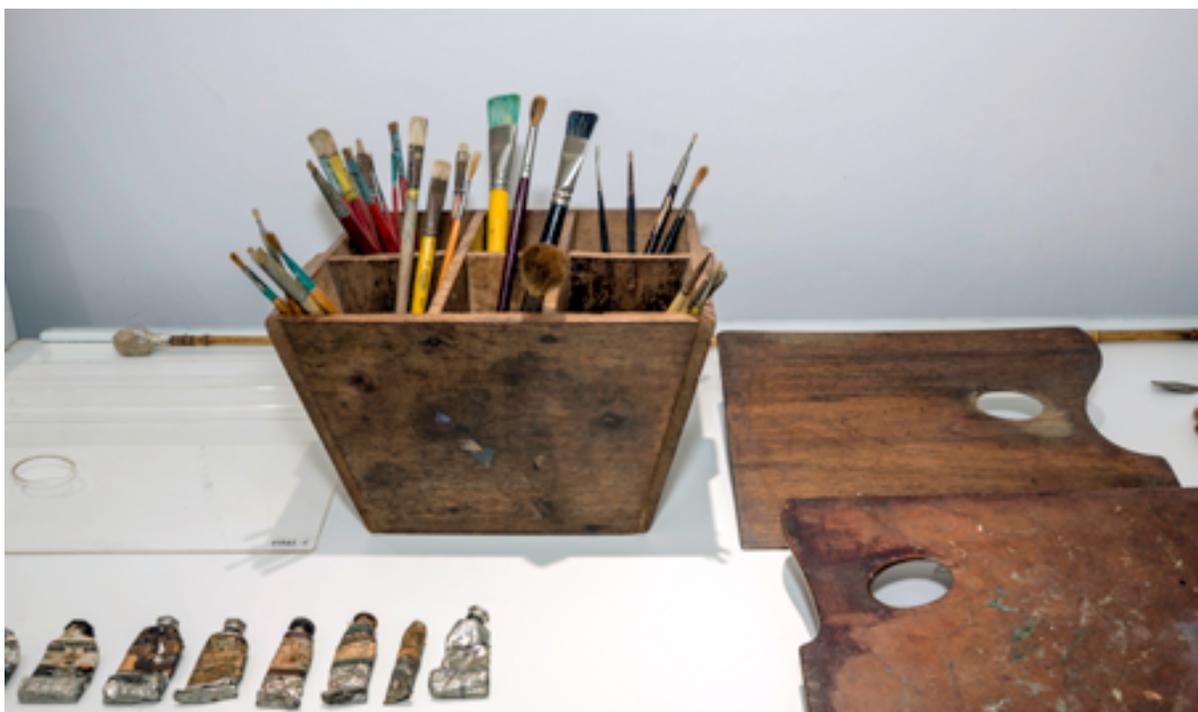
Sobre esse aspecto é importante ressaltar que a instituição já passou por importantes intervenções para restauro, capitaneadas ou supervisionadas pelos órgãos de preservação, nas esferas federal e estadual, iniciando-se pelas realizadas à época da passagem de casa à museu, sempre tendo à frente dos trabalhos profissionais especializados para as necessidades arquitetônicas e artísticas, do conjunto edificação e pinturas murais. Em momentos diferentes, aconteceram serviços de recuperação da estrutura, das coberturas, esquadrias, instalações hidráulicas e elétricas, pisos e assoalhos, bem como adaptações necessárias ao funcionamento do museu, como instalação de sanitários públicos, entre outras.

A última restauração tornou possível, além das obras civis, uma robusta pesquisa por parte dos restauradores a partir de prospecções arquitetônicas que resultaram em importantes revelações pelo exame dos substratos das paredes, possibilitando traçar uma história da evolução da construção, em seus diferentes momentos até a fase final, também resultando em novas descobertas artísticas no interior da residência, desde elementos decorativos até uma pintura mural desaparecida nos processos de reformas da casa, promovidos pelo próprio pintor.

A busca por aprofundamento no conhecimento da edificação e dos murais segue de forma constante, com o acréscimo de novos profissionais, em diferentes frentes, sob múltiplos olhares e áreas científicas.

Assim, como um dos pressupostos básicos do Museu Casa de Portinari e do cumprimento de sua missão institucional, as coleções compreendidas como objetos de pesquisas e interpretações sob diferentes prismas, tanto nos seus aspectos materiais quanto imateriais, bem como a reunião e articulação de referências de diferentes naturezas pelo Centro de Pesquisa e Referência, ampliam e disseminam o conhecimento sobre a vida e a obra do pintor.

O Museu Casa de Portinari, pelo entendimento de que a preservação da memória e do legado do pintor passa também e necessariamente pelo compromisso com o fazer e a fruição artísticos, com a descoberta de talentos e o exercício de vocações que devem estar refletidos em suas políticas institucionais e em suas principais linhas de atuação, tem entre as suas principais ações a Semana de Portinari, com uma diversificada



programação, dentre as quais a Exposição Coletiva de Artes Plásticas, que anualmente reúne dezenas de artistas e centenas de obras, oportunizando aos artistas um espaço democrático para visibilização de sua produção e ao público a ampliação, o contato, a experiência e fruição de diferentes conteúdos e formas de expressão, em diferentes linguagens e poéticas artísticas. Também a pintura mural que se espalha por diferentes espaços da cidade, tornando-a uma galeria a céu aberto, celebrando o alcance social da arte e as técnicas de murais em diálogo com o acervo do museu e a disciplina que Portinari lecionou, em 1935, no Instituto de Artes da Universidade do Distrito Federal, à época no Rio de Janeiro, e quando de seu fechamento, o pintor propôs ao então Ministro Gustavo Capanema, por meio de carta pessoal, a criação de um curso de pintura mural na Escola Nacional de Belas Artes, a realização de cursos de pintura, desenho, escultura e oficinas em diferentes linguagens artísticas.

As ações educativas estão entre as principais atividades do Museu Casa de Portinari, contemplando públicos diversos, auxiliando o indivíduo e a coletividade a adquirirem conhecimento, valores e princípios éticos que estimulem atitudes positivas e responsáveis frente à melhoria da qualidade de vida pessoal e social. Na perspectiva de espaço para educação não formal, o Museu Casa de Portinari vem ampliando a possibilidade de estratégias de relacionamento com o público, num processo dinâmico, avaliado de forma contínua para enriquecer e ampliar a experiência do visitante e dos demais públicos com os quais o museu se relaciona, inclusive, no ambiente virtual. São desenvolvidas ações para o público local, a comunidade artística, visitantes, público escolar, contemplando, desde a primeira infância até a universidade, educadores, públicos especiais, público idoso, público em vulnerabilidade social e privado de liberdade, além de ações extramuros, de diferentes naturezas, que criam conexões com espaços e comunidade.

Atua assim como um museu-casa que deve se manter atualizado e em permanente movimento em direção às pessoas, que guarda memórias e significados, não para evocar sentimentos saudosistas, de estagnação, mas como lembranças e referências para múltiplos diálogos entre diferentes gerações e temporalidades.

Buscando inspiração no poeta Antonio Cícero, pode-se afirmar que o Museu Casa de Portinari não se compreende como um museu-cofre, onde as coisas ficam trancadas e escondidas, mas como um museu sem muros ou paredes, um museu fluido, uma casa para ser olhada, iluminada e se deixar iluminar por ela.



Objetos de trabalho do pintor



Um olhar para dentro da Casa de Portinari

“[...] A casa que morávamos foi doada pelos trabalhadores a meu pai [...]”

(PORTINARI, 1979)²²

Uma casa onde se é recebido com arte, onde santos habitam e se espalham por todos os cômodos, como a velar pelos que nela adentram ou espreitam por suas portas e janelas.

De arquitetura singela e ímpar, com modos simples de construção, a casa guarda sinais únicos dos moradores, seus gostos e possibilidades financeiras. A edificação no seu conjunto é o resultado de sucessivas ampliações, tendo o pintor à frente das reformas, revelando e consolidando as suas relações com o local, com as suas origens e raízes.

É impossível separar a vida de Candido Portinari de sua terra natal, de sua casa, do largo que foi palco de sua infância e da igreja cujo sino embalou a sua meninice.

22

PORTINARI, C. **Portinari, o menino de Brodowski**. Rio de Janeiro: Livroarte, 1979.

Este é o território de suas memórias, de seus sentimentos. Uma paisagem que jamais se apagaria de sua retina e que se cristalizaria em seu coração.

A casa do artista seria tema recorrente nos seus escritos, nos seus poemas, desenhos e pinturas. As memórias afetivas desse lugar sempre povoariam as lembranças do pintor, em suas palavras:

“Nosso quintal estendia-se por todos os lados, podia-se brincar. Meu pai nunca teve ideia de propriedade. O mundo para ele não passava de baldeação, onde todos podiam alegrar-se com os espetáculos grátis que as flores, os ventos, os mares, os jardins ofereciam. O quintal vivia repleto de madeira e uns barracos onde guardava milhões de coisas, mas nada tinha chave ou cadeado; nossa porta não tinha fechadura. Não acreditava que viessem roubar e realmente nunca desapareceu nada.”²³

Candido Portinari
FUTEBOL, 1958
Pintura a óleo sobre
madeira compensada
35,2 x 26,8 cm





**“O sol e a lua moravam
Atrás de nossa Casa. Quantas
Vezes vi o sol parado. Éramos os
Primeiros a receber sua luz e calor.
Em muitas ocasiões ouvi a lua cantar.
Esmerava-se para aparecer nitidamente
Redonda”²⁴**

A vida dos imigrantes nas lavouras sempre foi muito difícil e cheia de desafios. Para o jovem casal Portinari e seus agregados não foi diferente. Domingas e Batista não viam perspectivas para a família continuar morando e trabalhando na roça. Após o nascimento dos dois primeiros filhos, as chances de uma vida melhor e mais confortável estavam cada vez mais distantes.

O casal planejava a mudança, da Fazenda Santa Rosa para o povoado, que cada vez mais se fazia necessária e inadiável. Batista Portinari tinha muitos amigos e conhecidos em Brodowski, principalmente os seus leais companheiros músicos da banda. A decisão foi tomada, e os Portinari mudaram-se para a cidade, pagando aluguel com muita luta e dificuldade, enquanto alimentavam o sonho de ter sua casa própria. Enquanto isso, a família ficava maior, com o nascimento de mais filhos - seriam doze ao todo.

O comerciante Silvio Estrada, conhecedor das dificuldades e da retidão do caráter do amigo Batista, lhe propôs a compra de um terreno no Largo Santo Antônio, atual Praça Candido Portinari, por 150 mil réis, para que pagasse como pudesse. O preço e as condições de pagamento oferecidas pelo amigo motivaram Batista, e o negócio foi fechado.

A casa, extremamente simples em sua estrutura, foi construída pelo próprio Batista Portinari com a ajuda dos amigos companheiros da banda de

Candido Portinari
PRACINHA DE
BRODOWSKI, 1958
Pintura a óleo sobre madeira
45 x 27 cm

música, que lhe deram muitos dias de serviço, num fraterno mutirão. Com alguma coisa ainda por terminar, a família Portinari instalou-se em sua nova e definitiva residência, ao lado da primeira Igreja Matriz de Brodowski, atual Igreja Santo Antônio.

“Morávamos atrás da igreja

Santo Antonio, que era a Matriz

Havia muita festa com

Banda de música”²⁵

Batista abriu o seu próprio negócio, uma fabricação doméstica de cadeiras empalhadas com fibras naturais, encontradas nos arredores do povoado,



Candido Portinari
BRODOWSKI, 1958
Pintura a óleo
sobre madeira
65,5 x 100 cm

notadamente a taboa, planta de longas folhas, típica de terreno alagadiço, comumente utilizada para confecção de assento de cadeiras e esteiras, que eram feitas com a ajuda de toda a família, nas palavras do próprio pintor:

“[...] Com meu pai e alguns ‘camaradas’ íamos à mata cortar madeira. Dava-me aflição assistir às derrubadas barulhentas e assustadoras. Um pau poderia matar alguém. Com meu irmão e outros garotos, íamos ao brejo cortar taboa que servia para empalhar cadeiras. Dentro d’água não era perigoso. Na beirada, era lugar de urutu, a mais perigosa serpente [...]”²⁶

A casa, de início extremamente simples, com o passar dos anos foi sendo ampliada e reformada para atender não apenas ao conforto da família, que era grande, como também às necessidades do pintor para as longas temporadas que ali passava regularmente.

Com o auxílio dos pedreiros locais, a casa ia recebendo acréscimos e alterações, até se tornar um exemplar singular de arquitetura local e regional, realizados com o aproveitamento do terreno e ao gosto de Portinari.

As fachadas ganharam lambrequins, recortes em madeira, usados como ornamentos na extremidade dos beirais dos telhados, e os muros, balaústres floridos (pequenas colunas entre as partes que sustentam os muros), elementos decorativos que deram personalidade diferenciada à construção, tornando a fachada ímpar, o símbolo dessa casa.

Se as paredes se transformaram em obras de arte pelas mãos do pintor, também é fato que outros amigos pintores foram convidados e tiveram oportunidade de deixar ali um registro de sua estada com a execução de pinturas murais. A casa de Brodowski sempre foi palco de reunião de amigos, artistas e intelectuais. Uma casa-morada, uma casa-ateliê.

26

PORTINARI, Candido. **Portinari, o menino de Brodowski**. Rio de Janeiro: Livrarte, 1979.

A casa de moradia - modos de viver

A cozinha

A cozinha abriga os móveis e utensílios originais, da época em que o artista e os familiares viviam na casa. Merecem referência especial as cadeiras que foram feitas e empalhadas pelo pai de Portinari, Seu Batista, com a ajuda dos filhos. Inclusive, Portinari, por ajudar o pai no ofício, tornou-se um exímio empalhador, o que pode ser constatado em suas próprias palavras, quando perguntado, em certa ocasião, sobre o motivo pelo qual havia pintado num quadro uma cadeira com algumas palhas coloridas, se se tratava de alguma “descoberta”:

“Isso nada tem de descoberta. Nós lá em Brodowski fazíamos muito dessa cadeira com meu pai. E fazíamos direitinho”²⁷.

A cozinha era um dos locais mais frequentados da casa, onde a família se agrupava não só para as refeições, mas principalmente para as longas conversas, ao pé do fogão a lenha, para os cafés com deliciosos quitutes.

Um dos pratos mais executados por Dona Domingas e predileto da família, dos amigos e convidados era a polenta, comida típica dos italianos, que podia ser servida pura, com acompanhamentos como molhos e carnes, com leite; uma das variações mais feitas e mais famosa da casa era a “polenta na chapa”.

27 MOTTA, Flávio. Portinari. *Revista de História do Departamento de História da Universidade de São Paulo*, n. 88. São Paulo: USP, 1970.

Como preparar a tradicional polenta italiana caseira:

Ingredientes:

2 litros de água

500 g de fubá

sal a gosto

“um fio” de óleo

Modo de fazer:

Coloque a água para ferver com o sal e o óleo; em outra vasilha, dissolva o fubá em um pouco de água fria. Quando a água começar a ferver, junte o fubá dissolvido, mexendo sem parar, para não empelotar. Para cozinhar bem, deixe ferver por 50 minutos.



Banheiros



Banheiro

Quartos



Quarto das irmãs



Quarto do artista

Alguns destaques da Coleção



Smoking e black-tie:

E para as grandes ocasiões, os trajes eram de gala: *smoking* e *black-tie*, como este usado por Portinari na abertura de sua Exposição no Museu de Arte Moderna de Nova York, em 1940.



Cachimbo:

O cachimbo de nó de roseira, segundo especialistas, é raríssimo, pois é feito com o nó do galho da roseira da cidade francesa de Vicky, extinta há muitos anos. Entre outras qualidades, não esquentava enquanto se está fumando.



Sapatos:

Para compensar um defeito físico, - Portinari tinha a perna direita 4 cm mais curta - seus sapatos eram especialmente confeccionados por um sapateiro da vizinha cidade de Batatais, o Sr. Leonel Jonas Isaac, a quem o pintor telefonava do Rio e fazia a encomenda: geralmente dois pares por vez, que o fabricante despachava para o pintor quando prontos. O Sr. Leonel possuía as formas próprias para Candido Portinari, o que dispensava a presença do artista. A preferência de Portinari era por pelica (pele fina, curtida e preparada para calçados, luvas, etc.). As cores às vezes variavam, porém os modelos eram sempre os mesmos.



Roupas:

Portinari vestia-se formalmente, usando suspensórios, colarinho, gravata e abotoaduras. Gostava muito de coletes-fantasia e de cores fortes, principalmente nas camisas e nas meias.

O Primeiro Prêmio:

No Salão de 1923, da Escola de Belas Artes, Portinari participa com um retrato de seu professor no Liceu de Artes e Ofícios, o escultor Paulo Mazzucchelli, e ganha dois prêmios: 500 mil réis em dinheiro, como Prêmio de animação da Galeria Jorge, e a medalha de bronze do Salão.



A casa-ateliê - pinturas murais

A pintura mural, diretamente aplicada numa parede, teto ou outra parte de uma edificação, talvez seja uma das mais antigas formas de expressão artística conhecida do ser humano, tendo o seu início com os homens pré-históricos que pintaram as paredes de cavernas, as chamadas pinturas rupestres. Inicialmente, as cores vinham de terras coloridas, carvão e extratos de plantas, até se chegar à tinta, como a conhecemos nos dias de hoje.

As pinturas murais podem ser feitas em duas técnicas: a seco e afresco, do italiano "al fresco". Pinturas "a seco" constituem a maioria das técnicas de pintura mural e usam tintas propriamente ditas. Pode-se pintar um mural com tinta a óleo, com diversos tipos de têmpera, ou ainda com as modernas tintas acrílicas e alquídicas (tintas formuladas com solventes, resinas, pigmentos e aditivos) e com praticamente todos os incontáveis tipos de tintas existentes. Cada uma dessas técnicas exigirá uma preparação prévia da parede antes de ser aplicada, para regularizar a superfície e dar boa aderência à tinta. Mas todas elas sempre exigem paredes prontas, com o reboco seco, daí o nome pintura a seco.

Já o afresco só pode ser executado em pintura mural e recebe esse nome porque a pintura é executada com o reboco da parede ainda fresco, ou seja, quando acaba de ser aplicado e ainda está molhado, sendo que essa técnica não utiliza tinta, e sim pigmentos em pó, misturados com água, que são absorvidos pela massa enquanto ela seca, formando um todo entre pintura e parede.

No conjunto dos murais realizados por Candido Portinari e seus convidados nas paredes de sua casa, parte foi executada à têmpera, outra em afresco, e alguns misturam ambas as técnicas.

É possível perceber os resultados dessas experiências prestando-se atenção às pinturas de uma e outra técnica. O afresco tem uma textura muito transparente, em que se veem os grãos de areia coloridos do reboco, criando uma pintura mineral, como é o caso dos murais "Fuga para o Egito", "São Francisco pregando aos Pássaros" e "Santo Antônio pregando aos Peixes".

Mesmo assim, é costume entre os pintores retocar os afrescos com têmpera ou aquarela, que bem diluídas se adaptam e completam bem o afresco. Isso pode ser observado nas pequenas plantas ao pé do mural “Fuga para o Egito”.

A têmpera, a única técnica de pintura a seco utilizada pelo artista em sua residência, forma uma camada colorida de outro material, visivelmente aderido sobre o reboco da parede, e não entranhado nele como o afresco, dando a sensação de uma pintura mais plástica, como no “São Jorge e o Dragão” e nas pinturas da Capela da Nonna.



Candido Portinari
SÃO JORGE E O DRAGÃO, 1943
Pintura mural à têmpera
61 x 244 cm



Candido Portinari
SANTO ANTÔNIO PREGANDO
AOS PEIXES, 1940
Afresco
77,5 x 114 cm

A Capela da Nonna – fé e religiosidade

“Partia da liberdade de intenção até chegar à liberdade de criação mas através de uma rigorosa disciplina de instrumentação. Daí a riqueza de seu poliformismo, que vai desde a arte religiosa mais pura, em sua objetividade litúrgica, como na capelinha particular de sua nona em Brodowsky, até as composições históricas, sociológicas, culturais, como o seu admirável ciclo Dom Quixote ou então nacionais, como os seus inextinguíveis Retirantes”.

Alceu Amoroso Lima²⁸

Um conjunto singular na arte sacra de Portinari, a capelinha pode ser considerada o espaço mais emblemático da casa, que traduz os significados de um museu-casa, onde homem e artista estão presentes, na intimidade dos afetos familiares e na força criadora do pintor.

Um gesto de amor. No começo do ano de 1941, Portinari pinta especialmente para a sua avó Pellegrina, mãe de seu pai Batista, uma senhora de muita fé e religiosidade, uma capela no interior da residência, carinhosamente chamada de “Capela da Nonna” (vovó, no idioma italiano), que foi realizada em cômodo especialmente adaptado, sob acompanhamento direto do pintor, para que ela pudesse rezar, pois devido a problemas de saúde encontrava-se impossibilitada de locomover-se até a igreja, motivo de muita tristeza para pessoa tão religiosa. A *nonna* Pellegrina era muito católica e foi a responsável por incutir em Portinari o respeito pela religião.

A primeira missa nessa capela foi celebrada num sábado, dia 1º de março de 1941, pelo padre Francisco Siino, com a presença do artista, familiares e amigos.

Um aspecto relevante nessa capela é o fato de Portinari ter usado como modelos para as imagens sacras em tamanho natural, que cobrem as paredes da capela, pessoas de sua família e amigos, os quais representam os santos prediletos e de maior devoção de sua avó, utilizando a têmpera para execução das pinturas murais - técnica que utiliza como tinta uma mistura de água, substâncias oleosas, ovo e pigmento em pó.

As figuras estão dispostas em forma de tríptico, distribuídas em perfeita harmonia e equilíbrio, em uma parede frontal, uma lateral direita e uma lateral esquerda, revelando o apuro na criação para o espaço de oração, onde a fé iria conviver para sempre com a beleza da arte, forças indissociáveis que potencializam a experiência de humanidade a todos que adentram nesse espaço.

Um espaço minúsculo, em medidas, equivalente a aproximadamente 220 por 200 centímetros quadrados, onde cabem de três a cinco pessoas, é o guardião de obras da magnitude que Candido Portinari conseguiu imprimir nas figuras ali representadas, perpetuando, inclusive, os seus familiares.

Um espaço de intimidade e singular, ao mesmo tempo coletivo e universal, pela sua essência.

Dos outros lugares possíveis na casa, talvez esse seja o mais potente encontro com o homem e o artista ao mesmo tempo, onde a simplicidade é a grandeza, e a grandeza é a simplicidade. Espaço de beleza e oração.

As obras criadas por Portinari para essa capela revelam um colorista excepcional, um grande desenhista, um estudioso de seu ofício e um profundo conhecimento de religião, por mais paradoxal que possa parecer para alguém que se nominava não religioso ou praticante.

Ainda menino, o pintor conheceu de perto a fé e a religiosidade, tão fortes e presentes no seio da família de imigrantes italianos que oraram por proteção na travessia do oceano, por agradecimento à chegada em terra firme, ao novo chão que os acolheria, numa convivência quase familiar com

os santos que acompanhariam as suas vidas para sempre. Santos que, na condição de artista, Portinari traria ainda mais para perto da família, para dentro da casa, coabitando com os seus moradores.

No conjunto da obra de Candido Portinari, a arte religiosa merece destaque. O pintor produziu mais de 400 obras com tema sacro, podendo ser considerado um dos maiores pintores sacros do século XX. A pintura religiosa sempre esteve presente em sua carreira, em diferentes momentos expressivos, constituindo a diversidade do conjunto.

Desde as primeiras análises e interpretações por renomados críticos de arte, artistas, escritores e intelectuais, a exemplo de Mário de Andrade, Antonio Bento, Carlos Drummond de Andrade, à época de sua criação por Portinari, em diferentes épocas até os dias atuais, a Capela da Nonna segue



Capela da Nonna

sendo objeto de estudo, análise e interpretações por diferentes profissionais com olhares múltiplos e diversos, a partir de suas experiências e pontos de vista. Ao longo de suas oito décadas, configura-se como uma fonte generosa e um manancial inesgotável de pesquisa, em diferentes linhas, num ciclo que a renova, tornando-a atemporal. Mas também é espaço de deleite e encantamento para aqueles que a visitam.

Mário de Andrade foi um dos principais entusiastas da Capela da Nonna. Seu encantamento foi instantâneo, revelado ao próprio pintor em cartas pessoais e em artigos publicados em jornais à época.

S.Paulo 10-III-41*

Portinari amigo,

Recebi as duas remessas de fotografias e fiquei delirando. Há coisas que mesmo assim em ruins fotografias me parecem admiráveis, e quanto à Santa Luzia e o São Pedro, causam espanto de tão grandiosas e magníficas, parece Van Eyck, parece Nuno Gonçalves no tríptico. (1) Estou louco pra ver tudo isso e também vou escrever sobre para a rotogravura do Estado. [...]

Mário²⁹

29 ANDRADE, Mário. [Correspondência]. Destinatário: Candido Portinari. São Paulo, 10 mar. 1941. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/8431/detalhes>. Acesso em: 31 maio 2021.

Portinari usou como modelo para S. João Batista seu irmão Luís, o "Lói". João Batista, o Precursor, pregava a conversão para o perdão dos pecados, a qual se exprimia num rito de purificação, o batismo. Preparava assim o caminho para Jesus, que ele designa como "o Cordeiro de Deus" (cf. Jó:1,29). O austero e inflamado profeta aparece aqui tal como o figura a piedade popular: ainda muito jovem, vestido sucintamente e acompanhado de um alvo cordeiro.



Candido Portinari
SÃO JOÃO BATISTA, 1941
Pintura mural à têmpera
180 x 76 cm

Candido Portinari
ENCONTRO DE NOSSA
SENHORA E SANTA
ISABEL, 1941
Pintura mural à têmpera
180 x 160,5 cm



Para Encontro de Nossa Senhora e Santa Isabel posaram para Portinari a irmã Olga e a esposa Maria, representando Nossa Senhora e Santa Isabel respectivamente.

Maria, logo que concebeu Jesus, foi em visita a sua prima Isabel que também esperava um filho, João (o Batista). Entrando em casa de Isabel, saudou-a. Quando esta ouviu a saudação de Maria, reconheceu nela, inspirada pelo Espírito Santo, não apenas sua parenta, mas a mãe do Salvador (cf. LC 1, 39-56).

Representado por um amigo de Portinari.

Jesus, pregando o Evangelho, faz um gesto como a indicar um caminho - que é ele mesmo - que conduz ao Pai, utilizando a mão esquerda, o lado do coração.



Candido Portinari
JESUS, 1941
Pintura mural à têmpera
180,5 x 71 cm



Candido Portinari
SANTA LUZIA, 1941
Pintura mural à têmpera
161 x 55 cm

Para a Santa Luzia posou para Portinari sua irmã Ida. Luzia de Siracusa, mártir cristã, entre as maiores dos primeiros séculos que por não querer renegar sua fé foi entregue a libertinos que, depois de fazê-la padecer humilhações e tormentos, a degolaram. Seu nome em latim, Lucia (derivado de lux, luz), valeu-lhe ser invocada na cura das doenças dos olhos. Daí carregar a figura um par de olhos num prato. A palma a identifica como mártir.

São Pedro foi representado pelo “Seu Batista”, pai de Portinari.

Chefe do grupo dos apóstolos, Pedro foi investido por Jesus da missão de pastorear suas ovelhas e dirigir sua comunidade, a Igreja. Traz no cinto duas chaves, símbolo do poder tanto de *abrir* (absolver, permitir), como de *fechar* (condenar, proibir). Isto faz lembrar a frase de Jesus a Pedro: “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus e o que ligares sobre a terra será ligado nos céus, e o que desligares na terra será desligado nos céus” (Mt 16,19).



Candido Portinari
SÃO PEDRO, 1941
Pintura mural à têmpera
161 x 55 cm



Portinari usou seu irmão mais novo Osvaldo para representar São Francisco.

Com um leve pássaro pousado em sua mão, Francisco parece mostrar que Deus se serve de animais irracionais que se deixam cativar por amor, para confundir os pecadores rebeldes que recusam ouvir a palavra do amor que salva.

Candido Portinari
SÃO FRANCISCO DE ASSIS, 1941
Pintura mural à têmpera
180 x 75 cm



Candido Portinari
A SAGRADA FAMÍLIA, 1941
Pintura mural à têmpera
180 x 163 cm

A Sagrada Família foi representada por um casal de amigos de Portinari que o ajudou no Rio, e o Menino Jesus, por um sobrinho do pintor.

Deus confiou ao justo varão José, esse carpinteiro de rudes mãos, a guarda do seu Filho e de Maria que concebeu Jesus pela força do Espírito Santo. Sobre eles paira a pomba que figura o Espírito de Deus, como a protegê-los e abençoá-los.



Santo Antonio não é pessoa da família, possivelmente seja um amigo de Portinari, já o Menino Jesus é João Candido o único filho do pintor.

Antonio de Lisboa (1195-1231), franciscano português, morto em Pádua, célebre como pregador e missionário entre os muçulmanos e hereges. Santo muito popular, padroeiro dos pobres e dos bons casamentos, invocado também para encontrar objetos perdidos. É representado, desde o século XVI, com o Menino Jesus nos braços. Isso lembraria um dos seus êxtases místicos.

Candido Portinari
SANTO ANTONIO DE PÁDUA, 1941
Pintura mural à têmpera
180 x 75 cm

Candido Portinari
VASO ROSA, 1941
Pintura mural à têmpera
88 x 39 cm



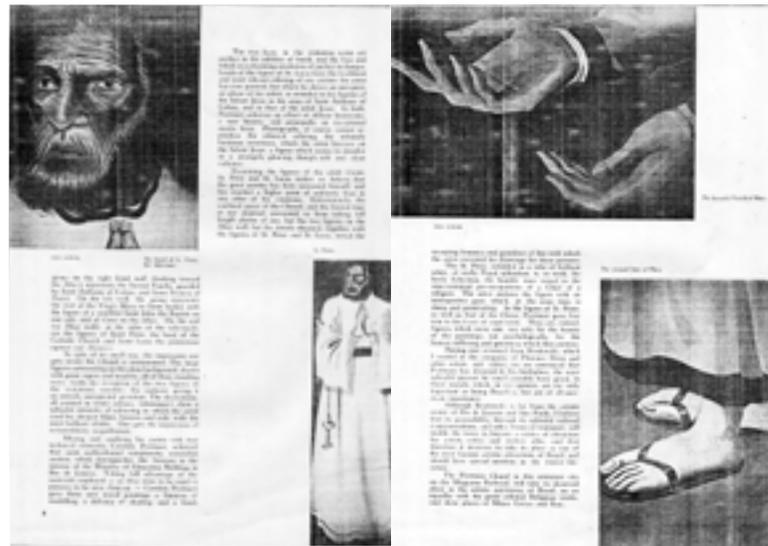


Portinari pintou as flores ao lado do altar da Capela, para que esta permanecesse sempre florida em homenagem aos Santos, inclusive para as celebrações e missas que ali eram realizadas.

Candido Portinari
VASO AZUL, 1941
Pintura mural à têmpera
88 x 39 cm



Artigo de Mário de Andrade (em inglês)



O Desenho

“Gosto do lápis de cor, lembra meu tempo de menino”

O desenho como forma de expressão plástica, como linguagem para manifestação da ideia, da força de criação do artista, sempre esteve presente em todos os momentos da vida de Portinari, sendo considerado para muitos especialistas como um dos elementos mais importantes no transcurso de sua carreira.

Portinari desenhava exaustiva e incansavelmente, utilizando e explorando todas as possibilidades que esta técnica podia lhe oferecer: carvão, o óleo com pincel seco e nanquim a bico de pena ou pincel, crayon, lápis de cor, guache e aquarela; para desenvolver seus temas, quer os imediatos quer os futuros.

A arte gráfica de Portinari demonstra todo o seu conhecimento e capacidade de interpretação, para ele o domínio da técnica do desenho era considerado uma condição *sine qua non* para o exercício da profissão de pintor; também o maior crítico e historiador de arte da Renascença, Vasari, cultuava o desenho, considerando-o, de fato, a estrutura básica e o fundamento não só da pintura, como da escultura e da arquitetura.

O desenho em sua soberania escapa às limitações impostas pelo tema; é ilimitado em sua complexa natureza física, representativa e conceitual que, para Mário de Andrade, tem um “caráter infinitamente sutil, de ser ao mesmo tempo uma transitoriedade e uma sabedoria”, que “fala e chega mesmo a ser muito mais uma espécie de escritura, uma caligrafia, que uma arte plástica”³⁰.

E tamanha era a força de desenhista de Portinari, que a sua produção gráfica pode ser considerada parte essencial de sua arte.

30 ANDRADE, Mário de. Do desenho. In: **Aspectos das artes plásticas no Brasil**. 2ª. Ed, São Paulo: Martins, 1975. p. 69

Portinari sempre teve uma preocupação em projetar minuciosa e detalhadamente as suas obras, principalmente, os painéis e murais de grande dimensões, para isso dedicava-se à realização de esboços, estudos, desenhos para transporte em tamanho natural; inclusive coloridos; por exemplo, no caso dos trabalhos para o Ministério da Educação, os “Ciclos Econômicos”, Portinari traçou, durante muitos meses, centenas de desenhos; o mesmo acontecendo com os Painéis “Guerra” e “Paz” para a sede da ONU, em Nova Iorque.

Há que se considerar também a fase do pintor exclusivamente dedicada ao desenho, já que as tintas eram consideradas responsáveis por seus problemas de saúde, notadamente decorrentes de intoxicação, constituindo-se num dos seus momentos de expressão total, como é o caso da Série “Dom Quixote”.

O conjunto de qualidades do desenho de Portinari permite que mesmo um esboço, ou estudo para uma obra posterior, adquira autonomia e valor intrínseco.

Do traço sutil, lírico, revelador de alegrias e sonhos ao mais vigoroso, contundente e trágico, os desenhos de Portinari, pela presença ininterrupta na sua carreira, representam um registro minucioso e completo da evolução de sua obra.



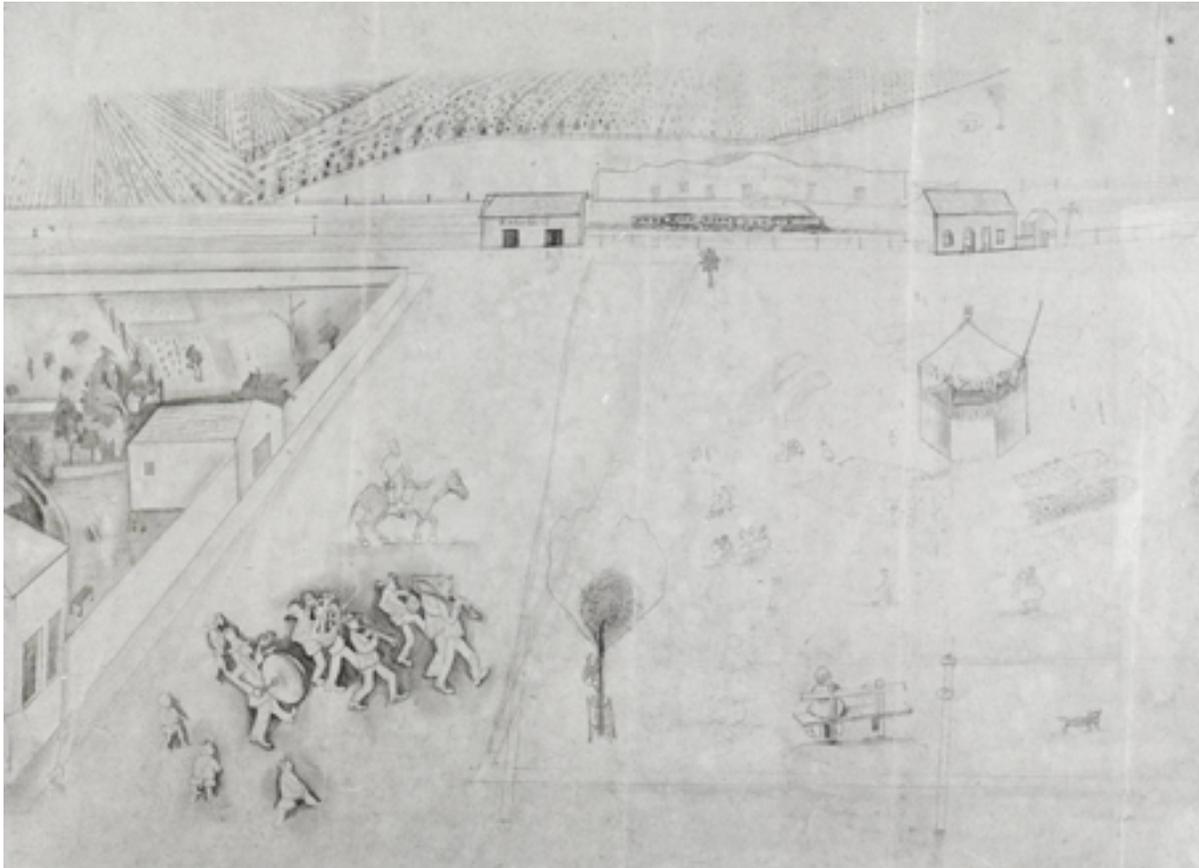
Candido Portinari
ESTUDO SÃO GABRIEL
ARCANJO, 1944
Nanquim sobre papel
21 x 13 cm



Candido Portinari
ESTUDO SÃO FRANCISCO
DE ASSIS, 1942
Nanquim e aquarela
sobre papel
28 x 11 cm



Candido Portinari
A BANDA, 1940
Lápis sobre papel
36 x 33 cm



Candido Portinari
PRAÇA DE BRODOWSKI, 1930
Lápis sobre papel
50 x 70 cm

Candido Portinari
ESTUDO REtrato DE VERA
VELLOSO BORGES, 1951
Lápis sobre papel
100 x 76 cm





Sala dos desenhos

O ateliê

Se a casa de Portinari tem uma atmosfera artística, permeada pela presença do pintor, um cômodo em especial representa o artista na dedicação plena ao seu ofício: seu ateliê, que antes ocupou outros espaços, às vezes até improvisados, diferentemente desse local que foi especialmente preparado para que ele pudesse pintar como fazia, o tempo todo e sem parar, tendo mandado ali instalar uma claraboia para entrada de luz natural.

Nas longas temporadas passadas em Brodowski, o trabalho sempre foi intenso, como registrado pelo próprio pintor em correspondências trocadas com amigos, em conversas francas e abertas.



Portinari pintando
"A fuga para o Egito"



Ateliê do artista

Em seu ateliê de Brodowski produziu centenas de obras, em diferentes épocas, como as ilustrações para o livro *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, em 1943. Também um dos mais conhecidos autorretratos foi produzido nesse ateliê, entre tantas outras importantes obras. Em meio às tintas, aos pincéis, telas preparadas, cavaletes, ferramentas para diferentes serventias, fica representada e guardada a memória do pintor. Os objetos remetem aos seus processos de criação e às suas poéticas de expressão, permitindo àqueles que adentram o espaço um encontro com a essência do ofício do pintor. Ali reunidos, os objetos que o artista utilizava para dar forma à sua expressão compõem uma das principais memórias da sua casa. Se por um lado as pinturas murais são a indelével presença dele nessa casa, por outro a intimidade de seu ambiente de trabalho, de ser artista e de criar permite uma aproximação maior com Portinari.

Os jardins

Os jardins emolduram todo o entorno da casa, com as calçadas de passeio entremeando os canteiros que abrigam flores, plantas, arbustos e até árvores frutíferas, como a jabuticabeira, generosa em oferecer os seus frutos em ciclos que se renovam e mantêm viva a atmosfera da vida familiar e as memórias e poéticas presentes na casa.

Destacando-se na paisagem estão os três canteiros idealizados por Portinari, em formato de letras, para formar a palavra DIO (Deus, em italiano), para compor com a religiosidade presente na casa, quer pela fé de seus moradores, quer pelas pinturas sacras ali realizadas pelo pintor, santos espalhados por toda a residência para orar ou para apreciar a arte que representam nessa residência.

Roseiras em flor, cores e perfumes embalando os corações dos moradores e dos visitantes estão entre tantas que chamaram a atenção do pintor e povoaram as suas lembranças daqueles jardins.

**“As roseiras estão em flor? Quanta rosa nas
Roseiras lá de casa! Todos vinham pedir rosas
Por mais que levassem, mais havia
As roseiras estiveram presentes desde
O meu nascimento. Minha mãe cultivava-as
Ficava lisonjeada quando pediam. Havia outras
Flores. Sua preferida era a rosa...”³¹**

Morada de pássaros, festival de cores e sons nos jardins da casa de Portinari, em diferentes estações do ano.





Jardim do Museu

A Igreja Santo Antônio

A “Santo Antônio” foi a primeira Igreja Matriz de Brodowski e chamava-se à essa época Nossa Senhora Aparecida, nome da Paróquia local. Na mudança da sede da paróquia para uma nova e maior igreja, em 1913, onde Candido Portinari havia ajudado na decoração, pintando as estrelas no forro, recebeu o nome atual.

É guardiã de uma das principais obras sacras de Candido Portinari, a tela de “Santo Antônio”, oferecida em doação pelo artista, em cumprimento de promessa familiar, que, inclusive, ajudou na reforma da igreja, em 1942, com a vontade expressa e documentada de que a tela nunca saísse desse local.

Essa igreja foi tema recorrente nas obras de Portinari, aparecendo também como elemento de composição em muitas delas, tendo sido palco da infância do pintor junto ao antigo Largo Santo Antônio, ficando para sempre nas memórias afetivas sobre a terra natal. Também a ela dedicou versos:

**“[...] A Igreja de Santo Antonio era o ninho das
Andorinhas. Às tardes,
era um prazer vê-las em grande
quantidade chilreando e dando espetáculo
com acrobacias. Iam e vinham dos fios da
luz elétrica, fora da igreja. Com
suas reviravoltas, todas ao mesmo tempo,
sem se esbarrarem. Às vezes
paravam no ar. Ninguém atirava pedras.
Tínhamos estilingue e funda [...]”** ³²

32 PORTINARI, C. Retalhos de minha vida de infância. In: Portinari, o menino de Brodowski. Rio de Janeiro: Livrarte, 1979.



Candido Portinari
SANTO ANTÔNIO, 1942
Tinta a óleo sobre tela
200 x 78 cm

Tanto pela proximidade física quanto pelas ligações entre o artista e a igreja Santo Antônio, ela pode ser compreendida como uma extensão do Museu Casa de Portinari, ampliando o entendimento entre a ligação do pintor com a terra natal.

Uma breve reflexão final

Um olhar mais apurado e atento para a Casa de Portinari faz enxergar os sentidos nela contidos. O conjunto de murais que o pintor deixou como legado artístico no interior de sua residência e anexos, especialmente na capelinha pintada para a sua avó, simboliza dois aspectos importantes em relação à arte de Candido Portinari: um, quanto aos processos e técnicas de trabalho, com o envolvimento e utilização das técnicas de pintura mural, e sob essa perspectiva, o entendimento do espírito inquieto e pesquisador do pintor na prática de seu ofício, a obstinação pelo domínio da técnica e o rigor com o fazer da arte; o outro, a arte religiosa como tema, que o tornaria um dos maiores, se não o maior pintor sacro do século XX.

Isso é visto desde as paredes de sua casa, da singeleza da Capela da Nonna, onde os Santos convivem em harmonia e intimidade com os moradores e visitantes, às comoventes obras da Pampulha, em Belo Horizonte, aos magníficos painéis do Santuário Senhor Bom Jesus da Cana Verde, em Batatais, da notável Capela Mayrink, no Rio de Janeiro, só para citar alguns exemplos. Dos murais dos frágeis cômodos de sua residência aos murais da Biblioteca do Congresso, em Washington, e aos do atual Palácio Gustavo Capanema.

A pintura mural, assim como a arte religiosa, estiveram sempre presentes na trajetória do pintor em diferentes momentos, conferindo grande importância às experiências e às obras executadas em Brodowski.

A casa-ateliê em Brodowski, onde foram criadas centenas de obras, é caminho obrigatório tanto para os apaixonados pela arte de Portinari quanto para os estudiosos e pesquisadores de sua obra.

flash

AFICH -
378



CANDIDO PORTINARI

- Nasceu em 1903, em Brodowski (São Paulo).
- Casado, tem um filho.
- Altura: 1,54.
- Pesa 63 quilos.
- Colarinho n.º 38.
- Sapato n.º 38.
- Usa óculos.
- Ouve raramente rádio.
- Fuma charuto e cigarros Cotúmbia.
- Faz regime alimentar.
- Frutas prediletas: maçã e ameixa.
- Não vai ao cinema nem ao teatro.
- Nunca pôde beber, mas gosta.
- F.ª a primeira comunhão aos 7 anos de idade.
- Seus pintores prediletos: Goya, Tintoretto, David, Delacroix, Caracciolo e Breughel.
- O seu quadro mais caro: um mural no Ministério da Educação, por 100 contos, e os murais na Biblioteca do Congresso de Washington, por 100 contos.
- Tirou o prêmio de viagem em 1928 com um retrato do poeta Olagário Mariano.
- Gasta muito com a família, que é grande.
- Começou a pintar com a idade de 8 anos.
- É neurastênico.
- Falador inveterado.
- Lucílio de Albuquerque foi o seu primeiro professor na Escola de Belas Artes e o considera grande mestre e grande amigo.
- Seu primeiro professor de desenho: o pintor português Justino Minguez, conhecido decorador de azulejos e botecos no Rio.
- Foi discípulo, na Escola de Belas Artes, do Redolito Guimarães, Amadeo e Batista da Costa.
- Recebeu a Legião de Honra.
- Prefere sua cidadezinha às grandes capitais.
- Gosta de futebol, não tendo preferência por clubes.
- Atualmente estuda um mural projetado por Oscar Niemeyer para o Colégio dos Peixotos, em Cataguazes.
- Temas: Tiradentes.
- Capas: Murreri "Cruz credo".

Candido Portinari

Candido Portinari por ele mesmo

33 CONDÉ, João. Os arquivos implacáveis. **A Manhã**. Rio de Janeiro, 5 set. 1948. Disponível em: <http://www.portinari.org.br/#/acervo/documento/1809/detalhes>. Acesso em: 24 jun 2021.





Candido Portinari

Cronologia Sucinta

1903

Candido Portinari nasce na fazenda de café “Santa Rosa”, em Brodowski, no dia 29 de dezembro, o segundo dos doze filhos de Baptista Portinari e Domingas Torquato, italianos da região do Vêneto, cujas famílias se fixaram no Brasil, durante a imigração italiana do final do século XIX.

**Portinari aos
5 anos de idade**

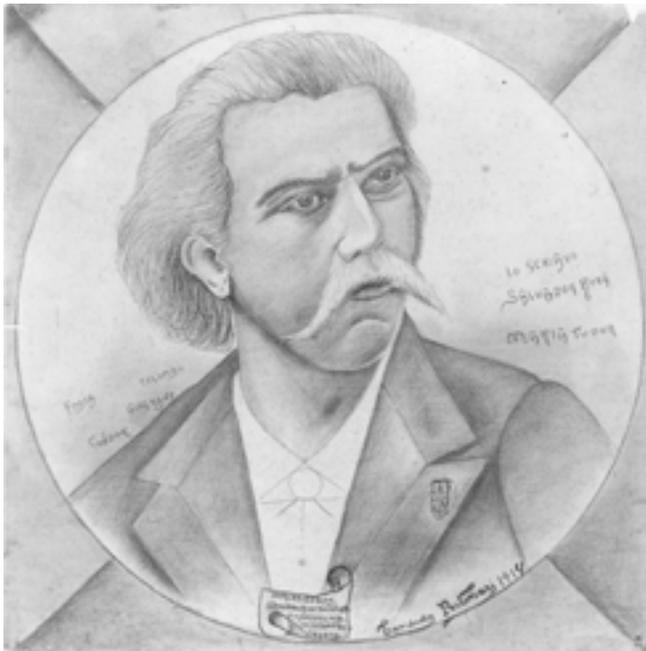
Infância

Passa toda a sua infância em Brodowski, já que os seus pais resolveram se mudar para a cidade; as brincadeiras, descobertas, os medos, sonhos e alegrias, os circos e o povoado ficariam para sempre no coração do menino que, artista, se eterniza em sua pintura e poesia.

Frequenta a escola primária, não indo além do terceiro ano. Ajuda os pintores italianos na decoração da Igreja Matriz de Brodowski, pintando as estrelas do teto, um tempo depois auxilia um escultor frentista.

A partir de uma carteira de cigarros, Portinari faz a lápis um retrato do músico Carlos Gomes, guardado pela família.

Decidido a tornar-se pintor, viaja para o Rio de Janeiro, tem aulas de desenho no Liceu de Artes e Ofícios; matricula-se na Escola Nacional de Belas Artes - ENBA, para estudar desenho e pintura.



Candido Portinari
RETRATO DE
CARLOS GOMES, 1914
Desenho a carvão e
a grafite sobre papel
43 x 42 cm



**Portinari aos 18
anos de idade**

Década de 1920

Quando em 1922 realiza-se em São Paulo a Semana de Arte Moderna, no Rio, Portinari participa pela primeira vez do Salão Nacional de Belas Artes; no ano seguinte, ganha a Medalha de Bronze, adquirindo visibilidade no meio artístico; continuando a participar do Salão com frequência, obtém a Pequena Medalha de Prata, a Grande Medalha, até que em 1928 conquista o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, com o retrato do poeta Olegário Mariano; pinta o quadro "Baile na Roça", sua primeira obra com temática brasileira.

Faz a primeira exposição individual de sua carreira em 1929, e a partir de então expõe ininterruptamente até morrer, tanto individual como coletivamente, no Brasil e no exterior.



Candido Portinari
BAILE NA ROÇA, 1923
Pintura a óleo sobre tela
97 x 134 cm



Candido Portinari
RETRATO DO ESCULTOR
PAULO MAZZUCHELLI, 1923
Pintura a óleo sobre tela
111 x 120 cm



Portinari aos 35 anos

Década de 1930

Já na Europa viaja para a Itália, Inglaterra, Espanha, fixando-se em Paris.

Vai diariamente aos museus, descobre a pintura moderna da Escola de Paris, aproxima-se do meio artístico parisiense, relacionando-se com os pintores Van Dongen e Othon Friesz; discute arte nos cafés e não tem quase nenhum tempo para pintar.

Sente saudade de Brodowski e escreve para a colega da ENBA, Rosalita Mendes de Almeida, uma carta que ficou conhecida como “do Palaninho”: “Daqui fiquei vendo melhor a minha terra - fiquei vendo Brodowski como ela é [...] a paisagem onde a gente brincou a primeira vez e a gente com quem a gente conversou a primeira vez não sai mais da gente, e eu quando voltar vou ver se consigo fazer a minha terra”.

Conhece Maria Victoria Martinelli, jovem uruguaia de 19 anos, radicada com a família em Paris, e casa-se com ela.

De volta ao Brasil, passa a trabalhar intensamente. Participa da comissão destinada a promover a reforma do Salão Nacional de Belas Artes, que admite artistas modernos pela primeira vez.

Portinari segue realizando importantes exposições. Em 1935, conquista o prêmio do Institute Carnegie, nos Estados Unidos, responsável por uma significativa projeção internacional que viria a se consolidar e ampliar com o passar dos anos.

Inicia sua carreira de professor de pintura na Universidade do Distrito Federal, ao tempo que começa a se dedicar à pintura mural; realiza trabalhos para o novo prédio do Ministério da Educação, que visa a integrar pintura, escultura, arquitetura e paisagismo, utilizando o afresco, técnica ainda pioneira no Brasil.

Seu quadro "O Morro" é adquirido pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque; executa ainda três painéis para o pavilhão brasileiro na Feira Mundial de Nova Iorque.

Em 1939, nasce seu único filho: João Candido; nesse mesmo ano a Universidade onde lecionava foi fechada.



Candido Portinari
CAFÉ, 1935
Pintura a óleo sobre tela
130 x 195 cm



Portinari em seu ateliê no Leme

Década de 1940

É publicado nos Estados Unidos pela University of Chicago Press o primeiro livro sobre o pintor: "Portinari, His Life and Art"; Portinari ilustra "A Mulher Ausente", de Adalgisa Nery.

A "Revista Acadêmica", importante órgão literário, dedica um número especial a Portinari; em seguida o semanário "Dom Casmurro" publica artigo do escritor Jorge Amado fazendo duras críticas à homenagem. É o início de longa polêmica sobre a "arte oficial" e as relações entre os intelectuais e o poder, que adquire conotações mais graves no momento em que o país vive um estado de exceção.

A propósito desse assunto, no ano anterior, no mesmo Semanário de 02/09/39, o poeta Carlos Drummond de Andrade, que era à época chefe de Gabinete do Ministério da Educação, já manifestara sua opinião: "Temos uma política de arte, não temos uma arte. As discussões são apenas personalistas, não atingindo nunca os princípios técnicos, nem se aventurando ao exame das questões técnicas, que no mundo inteiro absorvem e apaixonam os estudiosos de cada ofício [...] O governo tem procurado servir à arte e à inteligência no Brasil, interessando na feitura e na decoração de seus edifícios o maior número de bons artistas, como também chamando a colaborar na solução dos problemas culturais os escritores e cientistas eminentes de nossa terra". Depois de citar intelectuais de prestígio na música, nas ciências, nas artes plásticas e na literatura que na ocasião realizavam trabalhos para o Ministério



da Educação, como Lúcio Costa, Niemeyer, Villa-Lobos, Francisco Mignone, Lorenzo Fernandez, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, Sérgio e Aurélio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e outros, perguntava Drummond: “Poder-se-á chamar a isto arte oficial, literatura oficial, ciência oficial?”.

Portinari viaja para os Estados Unidos para a realização dos murais para a Biblioteca do Congresso em Washington; ilustra o livro da escritora americana Vera Kelsey, e ainda nos Estados Unidos vê o quadro “Guernica”, de Picasso.

De volta ao Brasil, pinta uma série de murais para a Rádio Tupi do Rio de Janeiro, inspirados na música popular brasileira; ilustra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis; pinta três painéis para a Capela Mayrinck no Rio, executa o Ciclo Bíblico, que Assis Chateaubriand compra e leva para a Rádio Tupi de São Paulo.

Pinta um mural de azulejos e uma “Via Sacra” para a Igreja da Pampulha de Belo Horizonte.

Filia-se ao Partido Comunista e candidata-se a deputado federal por São Paulo, não interrompendo o trabalho com a pintura - porém não se elege.

Inicia a pintura da “Série Retirantes” e, em Brodowski, passando sua habitual temporada anual, executa a “Série Meninos de Brodowski”, a qual será exposta com outras obras em Paris com tanto sucesso e repercussão que Portinari recebe do governo francês a condecoração da Grande Cruz da Legião de Honra.

Dando prosseguimento à carreira política, candidata-se em 1947 ao Senado, também por São Paulo, não se elegendo novamente, porém restando dúvidas quanto à veracidade das apurações.

Candido Portinari
MULHER E CRIANÇAS, 1940
Pintura a óleo sobre tela
100 x 81 cm

Década de 1950

Recebe a encomenda para o painel de azulejos do Conjunto Residencial do Pedregulho, projeto pioneiro de habitação popular do Brasil. Viaja para a Itália e visita Chiampo, terra natal de seu pai. Na Itália é lançada a monografia "Portinari", organizada e apresentada por Eugenio Luraghi, Ed. Della Meridiana, Milão. Pinta para o Banco da Bahia, em Salvador, o mural "A Chegada de D. João VI ao Brasil". Em Brodowski, pinta um conjunto de obras sacras para a Igreja Matriz da cidade de Batatais, vizinha à sua terra natal.

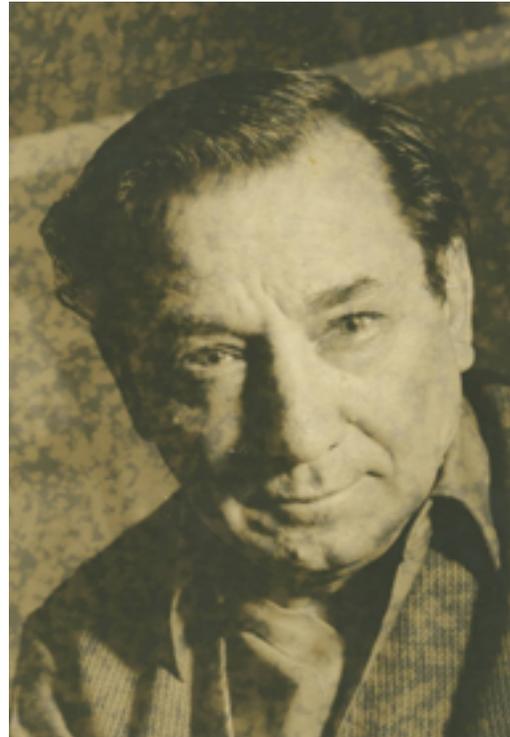
Continuando seu ritmo incessante de trabalho, dá início à execução dos painéis "Guerra" e "Paz" para a sede da ONU, em Nova Iorque; pinta o Painel "O Descobrimento do Brasil"; executa também um painel para "O Estado de S. Paulo". Participa com Sala Especial da III Bienal de São Paulo.

Em 1955, o internacional "Fine Arts Council", de Nova Iorque, confere-lhe uma medalha como pintor do ano; ilustra o romance "A Selva", de Ferreira de Castro.

Os sintomas de intoxicação são cada vez mais frequentes, sendo atribuída a causa da doença ao chumbo contido nas tintas.

Viaja novamente à Itália e vai a Israel, realizando importantes exposições. No Rio, os Painéis "Guerra" e "Paz" são apresentados no Teatro Municipal, e o Museu de Arte Moderna edita o livro "Retrato de Portinari", de Antonio Callado.

Os painéis "Guerra" e "Paz" são inaugurados na sede da ONU, sem a presença do pintor, por motivos políticos.



Portinari aos 54 anos

Candido Portinari
A CHEGADA DE DOM
JOÃO VI À BAHIA, 1952
Painel a óleo sobre tela
381 x 580 cm

Em 1957, recebe a "Hallmark Art Award", de Nova Iorque, e começa a escrever suas memórias, *Retalhos da Minha Vida de Infância* ("Nasci numa fazenda de café. Meus pais trabalhavam na terra [...]"), dando início à sua atividade literária que manteria até a morte.

Participa da I Bienal do México como convidado de honra em 1958; nesse mesmo ano morre seu pai, "Seu Batista".

Continua participando de exposições importantes; a pedido da Librarie Gallimard executa doze ilustrações em cores para "O Poder e a Glória", romance de Graham Greene; ilustra também, com trinta gravuras, "O Menino do Engenho", de José Lins do Rego. Pinta um mural para o Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais S/A, do Rio de Janeiro.



Década de 1960

Ilustra para a Librarie Gallimard os romances “Terre Promise” e “Rose de September”, de Andre Maurois. Executa cinco painéis para o Banco de Boston de São Paulo; é convidado a participar do júri da II Bienal do México; realiza-se em Moscou uma mostra de fotografias de várias de suas obras.

Nasce sua neta Denise; Portinari e Maria separam-se após 30 anos de casamento. O pintor cai em profunda prostração, como testemunham sua intensa produção poética e as cartas que escreve aos amigos. Apesar de separados, entretanto, Maria continua dando-lhe assistência.

Portinari sofre diversas recaídas da doença que o atacava desde 1954, mas não para com seus projetos; com profunda convicção, opta pela pintura em detrimento à sua saúde.

Faz sua última viagem à Europa e realiza sua última exposição individual.

1962

Morre, no dia 6 de fevereiro, na Casa de Saúde São José, no Rio de Janeiro, vítima de intoxicação pelas tintas que utilizava, quando preparava uma grande exposição com cerca de 200 obras, a convite da Prefeitura da cidade italiana de Milão.

Candido Portinari
ÍNDIA CARAJÁ, 1962
Pintura a óleo sobre tela
100 x 80 cm



Referências complementares

ANDRADE, Carlos Drummond de. Estive em casa de Candinho; In: *Poesia e prosa* (volume único). 8a. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992.

ARAÚJO, Marcelo. Mesa redonda, a museologia e o museu-casa. In: *Anais do I Seminário sobre Museus-Casas*. Rio de Janeiro: Edição Casa de Rui Barbosa, 1997.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1988.

BAUDRILLARD, Jean. *O sistema dos objetos*. 5a. ed. São Paulo: Perspectiva, 2008.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BENTO, A. *Portinari*. Rio de Janeiro: L. Christiano Editorial, 1980.

BOURDIEU, Pierre. A casa ou o medo aos avessos. In: *Textos Didáticos*, v. 46. Fev. 2002.

BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A musealização em São Paulo: os caminhos interpretativos da cidade. In: *Expedição São Paulo 450 anos: uma viagem por dentro da metrópole*. São Paulo: Secretaria Municipal da Cultura e Instituto de Políticas Públicas Florestan Fernandes, 2004.

CARVALHO, Ana Cristina (org). *Encontros Brasileiros de Palácios, Casas-Museus e Casas Históricas 2007-2010*. São Paulo: Casa Civil/ Acervo Artístico Cultural dos Palácios do Governo, 2010.

- CORREA, A. *Brodowski: minha terra, minha gente*. São Paulo: Pannartz, 1986.
- CURY, M. X. *Exposição: concepção, montagem e avaliação*. São Paulo: Annablume, 2005.
- FILHO, Mário. *A infância de Portinari*. Rio de Janeiro, Bloch, 1996
- HERNÁNDEZ, Francesca Hernández. *El museo como espacio de comunicación*. Gijón (Asturias): Ediciones Trea, 1998.
- HORTA, M. De Lourdes et al. *Guia Básico de Educação Patrimonial*. Brasília: Iphan/Museu Imperial, 1999.
- II SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASAS. 2., 1996. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1998. 200 p.
- III SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASAS. 3., 1998. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1999. 148 p.
- IV SEMINÁRIO SOBRE MUSEUS-CASAS. 4., 2000. Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2002. 268 p.
- LE GOFF, Jacques. *Memória - História*. Enciclopédia Einaud, vol. 1. Lisboa: Casa da Moeda, 1984.
- LIMA, Alceu Amoroso. *Arte sacra: Portinari*. Rio de Janeiro: Alumbramento, 1982.
- MENESES, Ulpiano Bezerra. O Museu de cidade e a consciência da cidade. In: *Atas do Seminário Internacional Museu e Cidade*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, jan. 2003.
- MENESES, Ulpiano Bezerra. O Museu na cidade, a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. *Revista Brasileira de História*, v. 5, n. 8-9, p. 197-205, set 1984 - abr 1985.
- MUSEU CASA DE PORTINARI. *Plano museológico*. Brodowski: ACAM Portinari; Secretaria de Estado da Cultura, 2018.
- MUSEU CASA DE PORTINARI. *Projeto museológico e expográfico para exposição de longa duração do Museu Casa de Portinari e reestruturação geral da Instituição*. Brodowski: ACAM Portinari, 2011.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, nº 10, dez. 1993.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *Cultura é patrimônio*: um guia. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

PORTINARI, C. Retalhos de minha vida de infância. In: *Portinari, o menino de Brodowski*. Rio de Janeiro: Livrarte, 1979.

PORTINARI, C. *Poemas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

RUSSIO, W. Cultura, Patrimônio e Preservação. In: ARANTES A. A. (org.) *Produzindo o Passado*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

VARINE, Hugues de. *As raízes do futuro*: o patrimônio a serviço do desenvolvimento local. Porto Alegre: Medianiz, 2012.

Sites

DEMHIST. [Portal]. Disponível em: <<https://icom-demhist.org/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

ICOM. *Museum Definition*. Disponível em: <<https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

IPHAN. [Portal]. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PROJETO PORTINARI. [Portal]. Disponível em: <<http://www.portinari.org.br/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

PROJETO PORTINARI; GOOGLE ARTS AND CULTURE. *Candido Portinari*. Disponível em: <<https://artsandculture.google.com/entity/candido-portinari/m027ms-s?categoryId=artist>>. Acesso em: 20 jul. 2021.

UNITED NATIONS EDUCATIONAL, SCIENTIFIC AND CULTURAL ORGANIZATION. [Portal]. Disponível em: <<https://en.unesco.org/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.



Ficha técnica

Governo do Estado de São Paulo

João Doria

Governador do Estado

Rodrigo Garcia

Vice-Governador do Estado

Sérgio Sá Leitão

Secretário de Cultura e Economia Criativa

Cláudia Pedrozo

Secretária Executiva de Cultura e Economia Criativa

Frederico Mascarenhas

Chefe de Gabinete de Cultura e Economia Criativa

Letícia Nascimento Santiago

Coordenadora Interina da Unidade de Preservação
do Patrimônio Museológico - UPPM

Davidson Panis Kaseker

Diretor do Grupo Técnico de Coordenação do
Sistema Estadual de Museus - GTCSISEM-SP

Organização Social de Cultura - ACAM Portinari

Washington Luiz Aissa

Presidente

Angelica Fabbri

Diretora Executiva

Luiz Antonio Bergamo

Diretor Administrativo Financeiro

Museu Casa de Portinari - Brodowski

Cristiane Maria Patrici

Gerente de Unidade

A Casa de Portinari

Realização

Museu Casa de Portinari

Autora

Angelica Fabbri

Pesquisa

Cristiane Maria Patrici

Matheus Cardozo Maia

Projeto Gráfico

Zol Design

Revisão de Texto

Scriptorium Consultoria Linguística

Maria do Socorro Senne

Fotos

Gian Claudio Biancuzzi

Colaboradores

Débora Roque Fiolato

Fabiana Cristina Assis Soriani

Leonardo Toshio Furukawa

Agradecimentos

João Candido Portinari - Cessão de
Imagens e Documentos Reproduzidos

Projeto Portinari - Arquivos